



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2013, Nº 23

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objectivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles vêem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objectivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos, e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência, uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades, e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado, e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro, e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

JANEIRO - DEZEMBRO 2013, Nº 23

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 400 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 251

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Maria de Lurdes Rodrigues,

Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: Radha Burnier (1923-2013),

sétima presidente da Sociedade Teosófica

Internacional (Adyar, India) de 1980 a 2013.



SUMÁRIO

Editorial

JANEIRO ~ DEZEMBRO 2013

Editorial

Carlos Guerra 1

In Memoriam – Radha Burnier, Um Testemunho

Isabel Nobre Santos 2

Discurso Inaugural

Radha Burnier 4

Krishnamurti e Teosofia

P. Krishna 9

O Caminho Do Autoconhecimento

Radha Burnier 16

O Que Um Teósofo Tem Obrigação De Não Fazer

H. P. Blavatsky 21

Teosofia e Educação

Maria Beatriz Serpa Branco 24

Notícias da S.T.P.

Carlos Guerra 30

Fazer da Teosofia um sistema doutrinário, explicativo ou interpretativo daquilo que pela sua grandeza se diria inexplicável e não interpretável, considerando-a sistematizável pelo estudo, é pretender verter em pequenos recipientes o oceano inteiro.

Na sua fluidez vibrante, a unicidade do universo e da vida não é enquadrável num sistema doutrinário. A Teosofia é una, tal como o universo e a vida. Tal como hoje é conhecida, a Teosofia é uma expressão profundamente ampla e inspiradora dessa fluidez vibrante. Aqueles que no-la deram, dela foram veículos. Admirá-los com gratidão é reconhecer a sua imensa sensibilidade, a sua inteligência ímpar e o seu excepcional dom de encantar e levar o outro mais além, a partir da atenção que dá valor ao aquém.

Na verdade, além e aquém são uma e a mesma coisa. Radha Burnier, presidente da Sociedade Teosófica entre 1980 e 2013, a quem aqui se presta sincera homenagem, tem lugar de relevo entre todos aqueles que dedicadamente impulsionaram o movimento teosófico. Relembra-la-emos sempre como uma referência. Todos serão sempre lembrados de modo igual, evitando de forma clara entronizá-los, heroicizá-los, o que seria reduzi-los à condição de ícones a cultuar de forma toscamente reverencial, como exemplos a seguir. Daquilo que se percebe na forma corajosa como terão vivido, sente-se que a Teosofia foi a semente integradora.

A Teosofia não se ensina, não se aprende. Pretender ensiná-la, aprendê-la, é estancá-la, aprisioná-la. Se pretender fazer da Teosofia algo de concreto é fragmentar a sua inteireza, a sua essência, pretender fazer dela algo de abstrato é torná-la inalcançável, o que significaria imaginá-la como um conjunto de ideais longínquos. De um ponto de vista prático, vivencial, a Teosofia surge no conhecimento de si mesmo, como movimento insuscetível de ser estancado, aprisionado. Num tal movimento, a Teosofia não se compadece com nenhum sentido de superioridade, nenhum sentimento de serviço moralizante fundamentado na visão do auxílio como algo que salva o outro, nem com a procura ansiosa de um aperfeiçoamento pessoal que mata a frescura da inocência. É o sentido integrador da Teosofia que faz dela uma ságeza sem idade.

Carlos Guerra

In Memoriam – Radha Burnier, Um Testemunho

ISABEL NOBRE SANTOS

Muito tem sido escrito sobre Radha Burnier, e sobre a sua biografia os dados são sobejamente conhecidos, pelo que vou mencionar apenas os que sejam necessários para enquadrar este meu testemunho.

Radha Burnier, a presidente mundial da Sociedade Teosófica de Adyar, faleceu cerca das 21 horas da noite de 31 de outubro de 2013, a poucos dias de completar noventa anos de uma vida dedicada à espiritualidade.

Filha de Nilakanta Sri Ram, que também foi presidente mundial da Sociedade Teosófica, Radha esteve desde a mais tenra idade imersa no ambiente espiritual e fértil de uma Sociedade plena de cultura e de ligações à arte, para além da presença de vultos tão marcantes como Jiddu Krishnamurti, músicos e dançarinos indianos e intelectuais e escritores tanto ocidentais como do oriente. É por isso normal que tenha crescido dotada para as artes, mas também com um pensamento treinado e fino e uma tendência natural para a meditação.

Muito jovem, aprendeu dança na famosa escola de sua tia Rukmini Devi, Kalakshetra – onde chegou a primeira bailarina, experiência a partir da qual surgiu a oportunidade, em 1951, de fazer um dos papéis mais marcantes do filme *The River*, do cineasta Jean Renoir. A célebre cena em que Radha dança magistralmente é conhecida da maior parte dos Teósofos, mas o filme merece ser revisto com atenção pelo que nos revela da perspetiva do cineasta sobre a Índia e das questões que se prendem com a

vida, a morte e o encontro de culturas de uma família inglesa a viver naquele país do Oriente.

A dança religiosa ensinada no Kalakshetra era também uma poderosa fonte de disciplina física e psicológica, surgindo a beleza subtil de cada movimento não só da dança em si, mas da contenção interna e austera força que cada artista tinha de desenvolver em si para deixar brotar o estado certo de meditação e ação nos movimentos efetuados.

Penso que essas capacidades também dotaram Radha da força que mais tarde lhe era reconhecida e da exigência própria com que sempre se moveu e atuou. Por vezes, a sua energia era tão forte que parecia que nunca tinha deixado de estar em tensão, como um arco prestes a disparar, mas que contém o movimento. Foi por isso que me surpreendi, muitos anos mais tarde, quando na sua última visita a Portugal, se podia sentir nela uma energia mais envolvente e amorosa, que transpareceu nas palestras que tive a oportunidade de traduzir para português.

Antes disso, tinha tido outras experiências com Radha. Ainda muito nova, encontrei-a em Naarden, penso que por volta do Jubileu daquele Centro Internacional Teosófico que é o principal da Europa e se situa na Holanda. Mais tarde, quando Radha veio a Portugal pela primeira vez e se alojou em casa de Maria Guilhermina Nobre Santos, no Campo de Santana. Foram dias muito curiosos por toda a família ter podido privar com Radha e podermos ver diretamente como passava os seus dias e a simplicidade da sua vivência. Com efeito,

muito do seu tempo livre era passado a meditar ou a escrever mas nunca deixava de comparecer às refeições familiares ou às atividades marcadas da sua visita: palestras, meditações, passeios, conversas com membros que pediam para a visitar e que ela aceitava receber. Para mim essas vivências foram importantes pois é na simplicidade do dia-a-dia que podemos sentir a autenticidade de uma prática de vida, e em todos os líderes teosóficos com os quais convivi pude comprovar essa serena simplicidade, essa vida de dedicação com momentos de silêncio e outros de partilha.

Mais tarde, em junho de 1999, tive a oportunidade de receber em minha casa, quando vivia em Bruxelas, Radha Burnier – que numa tournée de países europeus tinha vindo à Bélgica. De novo podemos observar como tudo fazia para se integrar na vida familiar, apreciando a forma como era recebida e partilhando, nas suas palestras e atividades, a sua sabedoria e simplicidade austera.

Na sua última visita a Portugal, tive de novo o privilégio de a traduzir e acompanhar em várias das suas atividades. Digo o privilégio, porque foi nessa altura que mais senti, emergido da austera energia que sempre tinha sido a sua marca, emergir uma energia amorosa que era quase curativa. Uma das coisas marcantes foi uma conversa que testemunhei por ter tido que a traduzir. Alguém pediu um conselho a Radha sobre a sua evolução espiritual e ela respondeu-lhe com amizade: “deixe que o seu Atman a guie”. Este reforço, na pessoa que pergunta, que se deixe guiar pelo seu próprio Guia Interno, que confie na sua intuição e

amadurecimento, é uma das mais belas dádivas que uma pessoa em posição de liderança num movimento espiritual pode fazer a outra, pois não usurpa o seu direito de se autodeterminar e de confiar na sua própria evolução e crescimento. Mais uma vez, na Teosofia é importante que cada um seja o seu próprio guia, como na história de Buda em que ele apelava a que cada um fosse a sua própria lâmpada.

Sem dúvida que Krishnamurti teve alguma influência nesta atitude de respeito e liberdade. Muito amigos, Radha sempre manteve contacto com Krishnamurti, que não deixava nunca de se interessar pelo movimento teosófico. Para além do seu importante contributo relativamente à regeneração humana, tema já começado a desenvolver pelo seu pai, o presidente mundial Sri Ram, mas que Radha muito desenvolveu e trabalhou, quer através da publicação de livros e artigos, quer da realização de seminários e Workshops, foi durante o seu mandato como presidente mundial que Krishnamurti regressou a Adyar. A tocante descrição dessa viagem de despedida, pouco antes da sua morte, está publicada e existe também online. Menciono apenas com alguma emoção esse retorno à praia onde tinha sido descoberto.

Também foi durante o mandato de Radha Burnier que os laços com Dalai Lama se fortaleceram tendo S.S. visitado mais que uma vez Adyar.

Deixo este testemunho sabendo que Radha Burnier foi uma personalidade controversa, contestada por muitos, defendida por outros, mas cujas características espirituais certamente hão-de prevalecer e que recordo nestes aspetos.

∞

Discurso Inaugural

RADHA BURNIER

*Alocução inaugural da Sra. Radha Burnier,
Presidente da Sociedade Teosófica*

Foi com a lembrança dos augustos começos e elevados ideais da Sociedade Teosófica e da inspiração tirada da vida dos grandes fundadores e dirigentes da Sociedade, tais como Annie Besant, que eu entrei em funções como sétimo Presidente da Sociedade, a 17 de Julho. Estas grandes figuras insuflaram à Sociedade este dinamismo especial que ressalta do Absoluto, em desinteressado serviço da humanidade e criaram um canal para os Grandes Poderes que guiam o mundo, subordinando as suas vidas à causa da Verdade. Seguindo os seus passos, tomo para mim uma grande responsabilidade da qual tenho plena consciência e que me esforçarei por assumir com toda a minha força e todos os poderes de que disponho, com a ajuda, a afeição e o apoio dos meus irmãos e irmãs membros espalhados pelo mundo.

Num mundo despedaçado por conflitos, num momento em que a insegurança e o medo se elevam a um ponto sem precedentes neste globo, os objetivos da Sociedade Teosófica, não só continuam os mesmos, mas são, mais do que nunca, de atualidade.

A Sociedade Teosófica não era destinada simplesmente a pregar a fraternidade ao mundo. A declaração do seu primeiro objetivo indica claramente que a Sociedade deve ser um núcleo real de fraternidade, isto quer dizer que aqueles que a compõem devem dar-se conta

realmente de que há um destino comum a todos. O sentimento de um bem coletivo deve primar sobre os interesses pessoais. O espírito humano, pela sua própria natureza, ramifica-se em inumeráveis direções quando é movido pelo interesse egoísta. A discórdia criada pelas formas divergentes do interesse egoísta, que puxam cada um na sua direção, é a antítese de uma vida harmoniosa e de uma realização mais profunda da unidade da existência implicadas no termo «fraternidade».

Um mundo cuja agonia se prolongou através dos séculos porque o mental do homem foi sempre atraído e solicitado por interesses díspares, não pode ser servido, e muito menos salvo, por nenhum grupo de pessoas que encarnem nelas as mesmas tendências que aquelas que fizeram deste mundo este espetáculo aflitivo. Somente na medida em que os membros da Sociedade compartilhem sincera e profundamente, de um sentimento de altruísmo e em que eles tenham uma devoção não egoísta para com essa Sabedoria que é a fonte de ação justa, é que será criado um núcleo de Fraternidade indestrutível no seio da Sociedade, dotado da energia necessária para atrair muitos outros a esta atitude de não separatividade e de partilha que será uma bênção para o mundo.

As palavras que não são vividas, mas apenas pensadas e ditas, falta inevitavelmente, uma eficácia real. O seu impacto, se e é que o têm, é fraco e temporário. Eis porque um desses irmãos mais velhos que inspiraram a Sociedade, disse: «Se quereis ser Teósofos, não deveis fazer como

aqueles à vossa volta, que fazem apelo a um Deus da Verdade e do Amor, e servem as forças obscuras do Poder, da Avidez e do Acaso.» A mensagem da Sociedade Teosófica não pode ser espalhada fazendo apelo ao interesse egoísta e ao proveito. Cada esforço verdadeiramente altruísta, tendo em vista a elevação do mundo, atrai a si um poder que a transcende e que vem das Forças do Bem, sempre prontas a derramar-se nos canais que não estão manchados. Mas estas Forças não podem «dar senão pouca assistência a um corpo que não está inteiramente unido no seu objetivo e no seu ideal e que infringe a sua regra básica — um amor fraterno universal, sem distinção de raça, de crença ou de cor».

Se a criação de um núcleo de Fraternidade não está destinada a ser uma vã encarnação, uma fraternização superficial sem grande realidade, aqueles que a ela se devotam devem estar perfeitamente unidos no seu objetivo e no seu sentimento — como Madame Blavatsky disse na frase citada mais acima. Esta unidade de objetivo e sentimento deve ter um carácter altruísta, tender a encontrar uma solução para o problema humano, e não para a obtenção de vantagens individuais. Aos olhos de um sábio «as mais altas aspirações para o bem-estar da Humanidade são manchadas de egoísmo se no espírito do filantropo, espreitar a sombra do desejo de um benefício pessoal ou uma tendência para a injustiça, mesmo que estas existam de maneira inconsciente». Por outro lado, se um corpo, tal como a Sociedade Teosófica, pode oferecer «o exemplo grandioso do altruísmo prático, da nobreza de vida daqueles que possuem o grande conhecimento apenas para ajudar os outros», o mundo pode ser inspirado a seguir este exemplo. O impacto da Sociedade não deve ser o de um credo, de uma organização, de uma instituição mais, como é o caso de tantos outros grupos. Ela está destinada a espalhar a suave e poderosa influência de uma Sangha, ou Fraternidade de inspiração espiritual.

Não há, sem dúvida, muitas pessoas, mesmo entre os membros da Sociedade, que se deem conta da grandeza e da importância do trabalho que deve ser empreendido pelos voluntários nas fileiras da Sociedade Teosófica. Seria fácil à Sociedade escorregar para caminhos transversais que são talvez mais atraentes, e mesmo úteis, mas que não levam à iluminação dos seres humanos. A urgência da descoberta da justa direção para o progresso humano pode ser embotada pela busca, de aparência plausível, de objetivos religiosos, ocultos ou filantrópicos.

O centro focal do trabalho da Sociedade reside no sentido da palavra «Teosofia» que se liga ao que Madame Blavatsky chamou a Religião-Sabedoria. Os Teósofos devem explorar a significação destes dois termos «Sabedoria» e «Religião» a fim de compreenderem a natureza do trabalho que espera a Sociedade.

No fim do século passado, quando a nossa Sociedade foi fundada, o materialismo científico de então provocou uma reação que tomou a forma de um interesse pelos fenómenos espíritas, comunicações com os mortos e outras formas de evasão ao ponto de vista geralmente aceite, no qual o homem se tornava numa roda na máquina evolutiva. A Teosofia rejeitava o espiritismo com os seus fenómenos tanto quanto o materialismo. Foi escrito que «não são os fenómenos físicos, mas as ideias universais que nós estudamos. Para compreender os primeiros, devemos antes estudar os segundos». Os verdadeiros objetos de estudo para o Teósofo, proclamava-se, eram: O verdadeiro lugar do homem no Universo, a sua origem, o seu destino último, a relação entre o mortal e o imortal, entre o temporal e o eterno, entre o finito e o infinito e a Lei Universal, constante e imutável.

Estas questões profundas são sempre as que estão no centro do trabalho da Sociedade. Esta não tem nada a ver com os fenómenos e as artes ocultas, por muito interessantes que os

fenómenos possam ser, pelo que diz respeito ao mundo invisível para o parapsicólogo, ou mesmo para o homem de rua. Eles não são nada perante o conhecimento necessário para a regeneração da vida humana. Não é o espiritismo mas a espiritualidade que é necessária ao mundo, não as artes ocultas, mas o ocultismo, chamado também «gupta-vidya» (a doutrina secreta), e «atma-vidya», a verdadeira sabedoria.

O verdadeiro Ocultismo ou Teosofia é a «Grande Renúncia ao Eu incondicional e absoluto, em pensamento como na ação». Todas as manifestações do eu separado, sejam elas intensas e evidentes, subtis ou dormentes, obscurecem a compreensão e a inteligência. No pior caso deformam a visão e levam o indivíduo a ver o que o rodeia sob o ângulo da sua própria ambição, do seu orgulho ou do seu desejo. Na melhor hipótese, elas dificultam a percepção deste sentido oculto, deste esplendor oculto, desta beleza oculta, que é o coração da existência, encerrado no próprio ser de todas as coisas animadas e inanimadas. É apenas quando o colorido do invólucro do eu está completamente desbotado que a Sabedoria floresce em toda a sua perfeição e que o que era secreto até surge à luz do dia.

A riqueza desta Sabedoria destruidor-do-eu não é uma obra egoísta. É da mais alta importância, porque as verdades e mistérios que revela são «ao mesmo tempo profundos e práticos». A abolição do eu que faz emergir a compreensão e clarifica a percepção tem um efeito prático imenso sobre os interesses da Humanidade, porque então a própria fonte do sofrimento está esgotada. Eis porque os grandes instrutores do mundo procuraram avivar a centelha da Sabedoria que se encontra no homem, e não procuram modificar os efeitos da anti-sabedoria, diferindo das pessoas vulgares que passam o seu tempo a combater os resultados sem remontar até à sua causa e origem.

O condicionamento do mental que o obriga a dividir, a compartimentar e a classificar, gerou a crença de que as ações de uma pessoa não têm nada a ver com o que ela é e com o género de realidade que percebe. A filosofia do Oriente, pelo contrário, insistiu no facto de a qualidade das ações de uma pessoa, o seu carácter justo ou erróneo, depender do que ela é capaz de ver. Percepções ilusórias, visão distorcida, o facto de querer dar valor ao que de facto não o tem, tudo isso produziu ações e objetivos malsãos e geradores de tensões e sofrimento, porque estão em desacordo com a verdade e a harmonia inatas da existência. A visão distorcida e a falta de percepção da natureza real das coisas, são aliás, inevitáveis quando não se é livre desta tendência para não ter interesse senão por si próprio. Um estado de medo fará transformar qualquer sombra num perigo iminente, ou fará ver sombras onde não existem. Cada estado de um menta) aprisionado no pensamento de si próprio, quer seja um estado de medo ou de esperança, tinge, vicia e diminui o poder de percepção.

Assim, a realidade ou a irrealidade, o valor ou a banalidade do que uma pessoa vê, dependem do que ela é em si própria; e o que ela vê, falso ou profundo, superficial ou essencial, gera as suas ações. Por consequência, a virtude das ações não pode separar-se nem da busca e descoberta da verdadeira Sabedoria, nem da necessidade de viver uma vida reta e pura, que favoreça a clareza do mental e da percepção. Os que são educados na ausência de valores que é característica do presente, correm o risco de perder de vista a importância de uma maneira de viver própria para lhes dar clareza de visão. As religiões insistiram sempre sobre uma vida de virtude, que é na sua forma passiva o não egocentrismo e no aspeto positivo um profundo respeito pela vida sob todas as suas manifestações, isto tem uma base lógica que nenhum

dos que procuram o conhecimento, nenhum benfeitor da humanidade, pode permitir-se ignorar. Para os membros da Sociedade Teosófica, é de profunda importância reconhecer que ser, ver e agir são uma só coisa. Não podemos realizar ações úteis se formos indiferentes à descoberta da Sabedoria, ou se desprezarmos vigiar a nossa maneira de viver quotidianamente, de velar pela pureza dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos e das motivações nos nossos contactos com os outros. Quando há pureza interior, há justeza da percepção e uma maior profundidade de compreensão, que inculcam um poder benéfico em todas as nossas ações. O modo de vida quotidiano dos membros da Sociedade Teosófica é da mais alta importância, porque estabelece as bases para qualquer outro trabalho. Se os membros não concedem a sua atenção ao reconhecimento do eu, o que lhes permite dissolver o egocentrismo que obscurece a visão e polui a atmosfera do mundo, o corpo organizado que eles constituem não fará mais do que perpetuar os problemas, ou poderá mesmo acrescentar outros males aos que já existem.

Lançarmo-nos no trabalho de compreensão e purificação do eu no meio das solicitações diárias, vigiar a qualidade das nossas relações com outrem, isso é o começo de uma vida religiosa. A palavra «Teosofia», como disse há pouco, significa religião no verdadeiro sentido do termo, assim como Sabedoria.

A Sociedade Teosófica não é uma igreja, nem uma seita. Ela não tem crença a oferecer, nem opinião, nem autoridade a impor. Segundo as belas palavras da Dr. A. Besant, ela compõe-se de estudantes, cujo «laço de união não é o professar de uma mesma crença, mas uma busca em comum da Verdade, uma aspiração comum à Verdade. Eles pensam que a Verdade deve ser procurada pelo estudo, a reflexão, a pureza da vida, a devoção a altos ideais, e consideram a Verdade como uma recompensa para a qual se

tende, não como um dogma que se imponha pela autoridade». O encorajamento para a busca e realização da Verdade numa atmosfera de liberdade não é uma autorização dada aos Ramos ou grupos da Sociedade para importar ou promover cultos, crenças ou personalidades particulares. A atitude que consiste em dar a cada um a possibilidade de desenvolver a sua inteligência num clima de liberdade, não deve ser interpretada como o dever de fornecer um local de propaganda ou um centro na Sociedade, a uma ou a todas as crenças e panaceias proclamadas por movimentos quase religiosos e dos supostos gurus. Há o perigo de se perder o que é vital e fundamental no que se supõe ser um espírito de tolerância. A tolerância relativa à superstição, às ortodoxias e ideias preconcebidas, assim como uma obediência ou dependência irrefletida perante aqueles que se sentam em pedestais espirituais, não estão de acordo com a visão teosófica e o trabalho da Sociedade.

Pouco depois do nascimento da Sociedade, um dos que tinham inspirado a sua fundação escreveu: «Temos um dever a cumprir: o de varrer, na medida do possível, as escórias deixadas pelos nossos piedosos predecessores.»

Madame Blavatsky pôs em relevo o facto de a verdade não se realizar discutindo sobre o que outros disseram ou escreveram, ou argumentando a favor das suas próprias ideias ou de um sistema de filosofia reconhecido. O que se dedica à verdade deve esforçar-se, na medida do possível, por libertar o seu mental de todas as ideias que ele pode herdar por hereditariedade, educação, ambiente, ou outros instrutores. Um sábio ocupado na investigação deve abandonar todos os seus preconceitos, todas as suas ideias pré-concebidas e os seus desejos pessoais, a fim de obter o conhecimento dos factos tais como eles são. Um mental deformado, fixado no seu próprio molde e confinado num sistema de pensamento que lhe é pessoal e agradável, não pode

entrar em contacto com as verdades nomenais, nem com os factos do mundo fenomenal.

Se o mundo não fosse povoado por um grande número de pessoas que são absorvidas pelos seus interesses particulares e estão inteiramente cegas para horizontes mais vastos, seria um lugar totalmente diferente. Tal como é, para cada indivíduo, o seu avanço, a sua família, a sua aldeia e a sua nação, a sua comunidade e a sua religião, as suas opiniões, as suas teorias, etc., põem uma sombra excessivamente grande sobre o seu mental, de onde ele expulsa o resto da vida como se, para todos os fins práticos, isso não existisse.

A qualidade religiosa irrompe no mental quando a atmosfera atabafante das preocupações pessoais se dissipa. Para o homem verdadeiramente religioso, «o mundo é a sua família» e não há divergência entre o problema do mundo e o problema individual. A existência do sofrimento sob as suas formas múltiplas é um dos problemas fundamentais a que o mental inteligente deve ligar-se. O sofrimento é o quinhão de todos os seres humanos sem exceção. Nascimento, morte, doença, decrepitude, separação, etc., tudo isso é sofrimento. Quando se é confrontado com este fenómeno universal, ele tende a reduzir-se à escala pessoal e cada um quer saber por que deve suportar o sofrimento e como pede escapar-lhe. Uma aproximação religiosa deste problema exige que o elemento pessoal seja esquecido e que o mental se esforce seriamente na busca da resposta a este problema considerado universalmente humano.

A compreensão impessoal das questões vitais relativas à condição humana exige também que, o que é a raiz, seja tomado em consideração. Uma pessoa responsável não pode ficar indiferente perante a atual corrida aos armamentos com as suas consequências desastrosas impenáveis, e todos os que reforçam a consciência pública contra tal procedimento maléfico devem ser louvados. Todavia, não é suficiente pensar

em semelhantes problemas morais a um nível exterior. A raiz do problema reside num espírito agressivo de competição, no amor pelo lucro e poder humanos. Ele está, de raiz, emaranhado com outras questões fundamentais. Na sua profundidade, o estudante é levado a considerar a relação «do mortal com o imortal, do temporário com o eterno, do finito com o infinito».

A religião, do ponto de vista teosófico, começa com o despojar do mental dos seus pensamentos favoritos e do seu condicionamento e, por outro lado, do seu contacto com o que é de importância universal e fundamental. O impacto da Sociedade sobre as condições do mundo seria formidável se os seus membros, espalhados por toda a parte, fossem verdadeiros altruístas, se formassem um corpo que desse o exemplo da fraternidade de homens e mulheres em busca da Sabedoria e que vivessem a vida indispensável para alargar os horizontes do mental e para obter uma visão interior da Verdade. Só os que são atraídos por tais objetivos são dignos de serem candidatos a Teósofos.

À medida que o tempo passa, as gerações mudam. Cada geração encara problemas fundamentais do homem, que diferem com cada novo ambiente. Nenhuma doutrina, nenhuma filosofia pode ser de auxílio adequando a nenhuma geração, se for convertida num simples idioma ou tradição. Mas a Sabedoria de um espírito verdadeiramente religioso pode falar a língua de todas as gerações e comunicar o seu próprio significado.

«Possam Aqueles que são a encarnação do Amor imortal abençoar com a Sua proteção — agora e para sempre — a Sociedade fundada para realizar a Sua Vontade, guiar-nos com a Sua Sabedoria incomensurável e inspirar-nos individual e coletivamente, o desejo fervoroso de uma ação benéfica e infalível.» ∞

Adyar, 3 de agosto de 1980

Krishnamurti e Teosofia

P. KRISHNA

Diálogo entre o Professor P. Krishna e a Senhora Radha Burnier, levado a cabo na Secção Indiana da Sociedade Teosófica, Kamachha, Varanasi, em 29 de março de 2008

P. Krishna: Eu li que a Senhora Blavatsky e a Senhora Besant ambas disseram que a Teosofia não é uma religião; é a religião. Também lhe chamaram religião-sabedoria. Assim, eu gostaria de iniciar o nosso diálogo perguntando a nós mesmos o seguinte: o que é a essência da Teosofia?

Radha Burnier: Não são apenas a Senhora Blavatsky e Annie Besant, mas também muitos membros proeminentes da Sociedade Teosófica, que surgiram depois delas, que disseram que a Teosofia é uma palavra que é fácil de traduzir, mas difícil de definir. Vejamos a palavra em si mesma: 'Teo'-'Sofia'. 'Sofia' significa sabedoria. É muito difícil para nós, que somos pessoas insensatas, que fazemos todos os tipos de coisas loucas, que sofremos, que não desfrutamos de uma sensação de felicidade que pertence aos sábios, dizer quem é sábio ou o que é a sabedoria, mas realmente não sabemos. Depois, há a palavra 'Teo', que pode ser traduzida como divino; portanto, o significado das duas palavras juntas é sabedoria divina. Por vezes é traduzida como Deus. Isto depende do que queremos dizer com a palavra Deus. Uma vez mais, é um género de palavra muito duvidoso, porque Deus quer dizer qualquer coisa, desde uma pedra que se utiliza para adoração, a algo que realmente não pode ser colocado em palavras; tem que o saber no seu coração. De certa

maneira, divino é, por isso, uma palavra melhor. Teosofia é sabedoria divina nesse sentido. A questão é quem a conhece? Há muitas pessoas que pensam que sabem alguma coisa acerca da Teosofia, mas essa é uma declaração muitíssimo duvidosa, porque a Teosofia pode ser conhecida pelos sábios, até certo ponto; talvez a Teosofia nunca possa ser conhecida plenamente até que ocorra a libertação do estado de ineptidão que existe no ser humano. Apenas então, uma pessoa pode ser considerada pelos outros como um verdadeiro teósofo. Ele nunca dirá a si mesmo 'eu sou um teósofo', porque todas as suas palavras não terão qualquer relevância para a coisa real.

PK: Portanto, se queremos sondar tudo isto mais profundamente, temos que investigar tanto sobre o possível significado do divino, quanto sobre o possível significado de sabedoria, sabendo muito bem que um significado projetado pela nossa própria mente pode não representar o real. Em vez de definir positivamente o que é a sabedoria, deveremos abordá-la negativamente, porque talvez seja mais fácil dizer o que não é sabedoria? Diria que uma mente que está presa na ilusão, o que significa que está presa pelas imagens criadas por ela própria, pela sua imaginação, não pode ser sábia uma vez que não está em contacto com o real?

RB: Isto leva-nos realmente a perceber, antes de tudo, a falácia em dizer que a Teosofia é um verdadeiro reino. Isto é comumente dito entre as pessoas que são muito sérias sobre essa questão. Ou seja, há uma teosofia que temos de vir a conhecer ao longo da nossa vida, talvez tenhamos

que a conhecer minuto a minuto enquanto vivemos a nossa vida; mas há também a teosofia que declara em palavras a essência daquilo que consideramos que é. Existe nisto uma falácia, porque cada pessoa que escreve sobre teosofia, ou que fala sobre ela, pode pensar que aquilo que afirma ou escreve expressa em palavras o que é realmente inexprimível. A questão é a seguinte: será que o expressa de facto? Até que ponto o expressa? Esta é a grande questão. Talvez ninguém possa realmente expressá-lo, mas certos fundamentos ligados ao que é a Teosofia, no sentido real do termo, podem ser colocados em palavras. Mas é muito difícil dizer que as palavras por mim utilizadas expressam realmente essas verdades.

PK: Eu entendo essa dificuldade em expressar e comunicar uma verdade, porque a expressão é feita através de palavras que têm significados fortes e significados diferentes para pessoas diferentes. Estas são as dificuldades da comunicação. Digamos que eu tenha percebido algo de um modo profundo e que quero comunicar-lho. Como posso fazê-lo? Esta é a dificuldade da expressão e da comunicação. A sua capacidade de perceber aquilo que eu percebi está sujeito à dificuldade da sua ideação e da sua mente que projeta ideias sobre isso, e tudo o mais que temos vindo a discutir nos últimos dias. Mas não haverá verdades eternas sobre a humanidade, sobre a consciência humana, que são universais? Tal como os cientistas afirmariam que as verdades sobre a natureza não são completamente conhecidas por nós, mas são universais. Podeis não entender completamente a gravitação ou como ela opera, mas não pode ser diferente de ser humano para ser humano, portanto aí reside uma verdade. A nossa dificuldade é, em primeiro lugar, como entrar em contacto com a verdade, para dela nos tornarmos conscientes e, em segundo lugar, como expressá-la, como comunicá-la. Assim, em ciência, usamos a linguagem universal da matemática e consideramo-la útil. Mas, estamos

essencialmente a afirmar que há verdades sobre a natureza que são universais, que são operativas, que são eternas, que não são totalmente conhecidas, às quais chamamos leis da natureza e que estamos a tentar descobrir. Poderíamos dizer uma coisa semelhante a propósito da Teosofia: que há um corpo de verdades universais e eternas, que não são apenas para ser conhecidas, mas também para ser percebidas, estando plenamente conscientes de que a própria verdade não é uma ideia nem um conceito intelectual, mas um facto? Apenas a pessoa que entra em contacto direto com o facto, realmente o percebe – no sentido de ver a verdade e não criando ideias sobre ela. Poder-se-á dizer que a Teosofia é este corpo universal, eterno, de verdades, talvez tanto sobre a matéria, quanto sobre a consciência, uma vez que a Teosofia inclui a ciência, e, de tempos a tempos, seres humanos sábios em diferentes culturas, que têm sido capazes de perder as limitações da sua individualidade, ao que chamamos libertação, que estiveram profundamente em contacto com essas verdades e que a partir desta percepção tentaram comunicá-las, na poesia, na prosa, por meio de estórias? Como haveis dito, isso é indescritível, porque a descrição é feita através da palavra e as palavras estão associadas a imagens, ao passo que a percepção está para além das palavras e das imagens. Assim, quando o sábio se expressa transmite imagens e conceitos à mente do ouvinte, o qual deve em seguida rompe-los para ir ao encontro da percepção; caso contrário, não perceberá a verdade, o que é a maior dificuldade em comunicar verdades. Mas, ultrapassando essa dificuldade de comunicação, diríeis que existe um corpo de verdades eternas que são universais, o qual é acessível a qualquer ser humano que esteja disposto e seja capaz de deixar cair as suas imagens, a sua individualidade limitada e que, portanto, veja através daquela parte de seu ser que é universal, a que podemos chamar ser humano, como distinta da personalidade individual?

RB: Eu penso que este é um tipo muito mais subtil e elusivo de ver do que pensamos. Na ciência muito se tem dito sobre como se pode ver a mesma coisa como sendo uma onda e uma partícula. Sabemos que a coisa é ao mesmo tempo uma onda e uma partícula ou assim parece. Presumimos que quando vemos a partícula ela é também uma onda, mas isso é apenas uma presunção, porque não podemos ver os dois aspetos ao mesmo tempo. Eu penso que a dificuldade é que uma coisa aparece não apenas como uma onda e uma partícula. Quando dizemos que percebemos uma verdade referimos a apenas uma parte da verdade. Esta é a dificuldade de expressar a verdade. É algo tão subtil, ou pelo menos assim me parece, que não podemos colocá-lo em palavras, portanto não podemos expressá-la. Quando alguém que tenha tido alguma ideia de uma verdade de vez em quando tenta transmiti-la a outras pessoas, poderá estar certo até certo ponto. Ele próprio tem de perceber que pode estar certo até certo ponto, mas não completamente; isso é difícil de perceber porque a verdade, tal como aparece num determinado momento, é muito real para a pessoa em causa. Parece que toda a verdade é expressa dessa forma mas não é, pode expressar-se de forma diferente num momento diferente.

PK: Porque pode ser apenas um aspeto do todo.

RB: Sim, apenas um aspeto do todo. Baseado neste facto, é dito que até mesmo a mais sábia das pessoas, (não sei se é correto ou não), tem muito na sua consciência. Esta palavra consciência é uma palavra duvidosa mas eu uso-a. Essa pessoa tem muito na sua consciência que pode ser colocado em palavras, mas tem muito mais que não pode, de todo, ser completamente posto em palavras. Então, como é que ele pode comunicá-lo? Não pode. Se tomar Krishnaji [Krishnamurti] como exemplo, eu estou convencida de que ele sabia muitas coisas em detalhe e

também em princípio, que não podia comunicar. Mas havia algo nele e no que ele próprio disse, que poderia comunicar às pessoas aquilo de que elas precisavam, talvez, naquele momento. Eu não sei, mas havia também algo mais que sugeria que há todo um mundo de significado que tínhamos que descobrir por nós mesmos.

PK: Sim, ele afirmou explicitamente que existe muito mais do que aquilo que vemos, que é insondável, indescritível, e que ele não tentará descrever. Ele apenas aponta as barreiras que nós poderemos perder, se percebemos que as barreiras são autocriadas e trazidas pelo pensamento superficial; assim, a janela está aberta. Mas isso é apenas o início da exploração, antes disso nem sequer se está a explorar a verdade; apenas se está a explorar o espaço muito limitado, ao qual se poderia chamar pensamento condicionado e, a menos que rompamos essa barreira, não adianta falar sobre o vasto, o imensurável e tudo isso, porque essa mente limitada vai sempre traduzir essa percepção no que é conhecido o que seria, portanto, falso. Os cientistas também já perceberam esse facto. Mesmo com relação a uma coisa tão simples como a realidade física, não falando de todo sobre consciência, que é muito mais complexa e intrincada e da qual não entendem nada ou quase nada. Não podem sequer definir o que é a consciência apesar de a usarem para fazer a sua ciência! Mas, mesmo no que diz respeito à nossa concepção da realidade física - matéria, tempo, espaço e energia - perceberam que o que podemos conceber é limitado pela nossa própria experiência, que por sua vez é limitada pelos nossos sentidos. Por exemplo, nós nunca vemos a conexão entre o espaço e o tempo, apesar de estarem ligados de uma forma que não somos capazes de apreender porque, na nossa experiência, o espaço e o tempo foram sempre duas entidades separadas distintas. Por exemplo, dizem que o espaço é curvo, mas é muito difícil para nós imaginá-lo. Por isso abandonaram há muito o que antes eram dados adquiridos, aos

quais se chamavam verdades autoevidentes, tal como duas linhas paralelas nunca se encontram. Dizem que só é verdade num certo tipo de espaço plano do qual estamos cientes; mas o espaço real não é assim, é curvo. Se desenharmos duas linhas paralelas sobre uma esfera, estas vão reunir-se tal como duas longitudes se encontram no Pólo Norte e no Pólo Sul. Assim, nossas concepções sobre a realidade física ainda são muito limitadas e dizem agora que não confiemos nas nossas concepções porque as nossas concepções são limitadas. Por exemplo, nunca podemos explicar realmente a um homem que é cego de nascença o que é realmente a cor.

O que é realmente um eletrão? Dizem que não sabemos realmente. Ajuda-nos contruir um modelo de um eletrão como uma bola de bilhar e denomina-lo partícula e isso explica certos comportamentos; e também nos ajuda ter um modelo como uma onda, o que explica algumas outras partes do seu comportamento. Mas estes são apenas modelos conceptuais que nos ajudam a descobrir o que é, e a verdade é que é ambas as coisas! Essa verdade suprema, não sou capaz de imaginar, porque nunca vi uma entidade que seja uma partícula e uma onda. Dizem que nossa conceptualização tem limitações, por isso não a usemos de modo extensivo, usemos alternativamente a matemática! A matemática é uma espécie de linguagem universal, para a qual foi repetidamente provada a aplicação à natureza.

Tal como existem essas limitações físicas, há também limitações intelectuais. Vejo um paralelo entre a limitação experimentada ao fazer ciência e a limitação de pensamento que Krishnamurti está a apontar na busca religiosa. Pensamos apenas em termos do conhecido e o conhecido é tão limitado; portanto, o pensamento nunca poderá compreender o desconhecido e que há grandes verdades que só podem ser apreendidas quando nos libertarmos desta prisão, quando sairmos desta prisão do conhecido. Libertação do

conhecido não é o terminar do conhecido mas a não-dependência do conhecido. Temos dado grande importância a essa pequena porção do conhecido e estamos constantemente a tentar interpretar tudo em termos do conhecido e isso bloqueia a apreensão do desconhecido. O progresso real na ciência também adveio de mudanças de paradigma que foram o resultado de profundas introspeções sobre o desconhecido, indo muito além do pensamento convencional.

RB: O que é conhecido pode ser uma ilusão. O que é conhecido por mim pode não ser conhecido por uma pessoa cuja consciência é muito mais sutil e pacífica e vasta e assim por diante. Mesmo o que é conhecido muda constantemente de forma, por isso se torna muito difícil compreender um universo onde tudo está em mudança de acordo com o nosso grau de percepção? Se houvesse uma pessoa que pudesse ver tudo, estaria a ver apenas a verdade. Mas ao dizer isto sinto que há um erro, porque eu posso não estar ciente de minha limitação. Então, o que é o conhecido, e o que é o cognoscível e o que é o desconhecido? Essas são questões profundas e perenes.

PK: Na verdade, é importante perceber que fazemos parte de um grande mistério e que o mistério é muito profundo e os cientistas estão apenas a tentar penetrar um aspeto; mas há muito mais que continua a ser um mistério. Estende-se, talvez, muito além do que estamos sequer conscientes. Muitas vezes, no nosso orgulho no nosso conhecimento, perdemos a nossa consciência do mistério.

RB: Isso traz-nos de volta aos objetivos da Teosofia. Se tomarmos o segundo objetivo da Sociedade Teosófica que trata de filosofia, ciência e religião. Deixemos a filosofia de fora por ora e tomemos apenas a ciência e a religião. Se aprofundarmos a ciência (o que a senhora tem feito, mas eu não), pelo que li, à medida que entramos cada vez mais profundamente na ciência deparamo-nos com um sentimento religioso

de beleza, unidade, admiração e mistério que é semelhante ao sentimento do verdadeiro homem religioso. Quero dizer, não me refiro ao homem religioso de acordo com o Hinduísmo ou o Cristianismo ou o Budismo ou qualquer outra religião, mas àquele que ultrapassou todas estas formas e chegou a uma muito mais vasta e profunda percepção da unidade e da totalidade da existência, um elemento que não conseguimos expressar em palavras mas que tem uma sacralidade, uma santidade que pode ser sentida. Aquela coisa está lá para além de todas as especulações da ciência e as formas de religião. Quando vamos assim tão fundo, as descobertas da ciência podem corresponder ao que é conhecido pela verdadeira religião. Sinto que há uma realidade que é ciência e religião, que pode ser sentida e percebida, mas não expressa ou comunicada.

PK: Tem que ser, porque tanto a matéria e consciência são parte de uma única realidade: a consciência existe e tal como a matéria e a energia. A ciência pode não ser capaz de explorar muito profundamente a consciência, uma vez que esta não é mensurável. As investigações são limitadas ao que é mensurável, por isso os cientistas estão a lutar para entender a natureza do espaço, tempo, matéria e energia. Mas a visão que obtêm é forçosamente incompleta, porque deixaram de fora a consciência. O cientista usa sua consciência para fazer ciência, mas sua ciência não pode dizer o que ele está a usar! A esta altura recordo-me das palavras de Schroedinger, o cientista que inventou a mecânica ondulatória que foi um precursor da mecânica quântica atual. Ele era também um filósofo que tinha estudado profundamente a Vedanta. Não era um homem religioso, era um estudioso. A sua vida pessoal estava em ruínas mas, intelectualmente, era um gigante. Disse algo muito profundo que eu gostaria de partilhar consigo. Ele disse: *“Considero a ciência parte integrante do nosso esforço para entender a grande questão filosófica*

que engloba todas as outras: Quem somos nós? Considero que esta não é uma das tarefas, mas A tarefa da ciência, a única que conta.”

Para responder a essa pergunta, temos de responder o que é o corpo, a sua origem, os seus componentes, a sua forma e função. Mas não só, devemos também explicar a percepção e consciência que operam nesse corpo, a maneira como surgem e funcionam e assim por diante. Schroedinger considerava ciência e Vedanta como uma parte da filosofia e ele conseguia ver que era necessário integrar as duas, e não separá-las. Caso contrário, teremos sempre uma visão parcial da vida e da realidade. Por exemplo, no mundo do físico [cientista] a vida não é necessária, tratam-na como um acontecimento acidental que não entendem.

Mas deixe-me voltar a Krishnamurti e à Teosofia. A Sociedade Teosófica foi criada com o lema que a Verdade é a maior religião e, uma vez que a teosofia no seu verdadeiro significado não é uma nova religião, mas a essência de todas as religiões ou a religião da sabedoria, isto exige que entremos em contato com as verdades eternas para além de todas as religiões e todas as formas. Agora, se isso é a essência da teosofia, tal como expresso no nosso lema, não é isso que Krishnamurti nos está a pedir para fazermos constantemente? Ele está a dizer que devemos entendermo-nos a nós próprios, romper o nosso condicionamento, apenas então iremos ter uma verdadeira percepção, sem a qual não encontraremos a verdade. Assim, não vejo nenhuma divisão entre o que a Teosofia na sua essência nos pede para fazer e o que Krishnamurti defende como necessário para nós fazermos.

RB: Sim, eu penso que não sabemos o que é teosofia e não sabemos sobre o que Krishnamurti fala, portanto as dificuldades surgem. É óbvio, quando contactamos pessoas da Sociedade Teosófica e pessoas da Fundação Krishnamurti que não são membros da nossa

Sociedade, que eles estão seguindo uma linha que o próprio Krishnamurti consideraria falaciosa porque quando confundimos o superficial com o essencial somos forçados a ter ilusão e conflito. Tal como na ciência se pode perceber uma mesma coisa como uma onda e uma partícula, pessoas muito diferentes poderão perceber coisas de forma diferente criando contradições onde realmente não existem. As pessoas deixam-se levar por essas diferenças superficiais e tornam-se difícil para elas manterem-se conscientes do facto de que as opiniões não são coisas muito importantes; é a verdade que é importante.

PK: Mas a ignorância como ilusão ou imaginação é comum a toda a humanidade. Então, que diferença faz, se a ignorância de um homem é da variedade Cristã ou a variedade Fundação Krishnamurti ou da variedade Teosófica? Se o importante é romper e ultrapassar isso, então porquê a distinção?

RB: Nós pensamos que há uma diferença. Alguém que se tenha interessado por Krishnamurti (estou a usar essa palavra deliberadamente) sente que ele sabe o que é a verdade e o que não é a verdade melhor do que outras pessoas.

PK: Mas a verdade é algo que não pode ser conhecido! Dissemos anteriormente que a verdade não pode ser conhecida, não pode ser descrita.

RB: Do mesmo modo, os teósofos pensam que sabem o que é teosofia ou o que é a verdade. Passa a ser uma forma de tornar as coisas seguras nas suas próprias vidas. Isso impede-nos de sermos livres na mente, e Krishnamurti falou repetidamente sobre a sua importância. Muitos teósofos também falaram sobre a necessidade de sermos completamente livres para ouvirmos alguém, para observarmos que a ilusão surge quando a crença se torna forte.

PK: Sinto que é extremamente importante mantermo-nos conscientes deste perigo em nós próprios porque temos basicamente a mesma consciência que os outros seres humanos. A

consciência humana tem feito repetidamente os mesmos erros quer sejam os Cristãos ou os Budistas, os Hindus ou os Teósofos ou as pessoas nas Fundações Krishnamurti. Não vejo muita diferença. Um homem como Jesus toca algo muito profundo, não sabemos como ele o faz, vai ao encontro de um profundo estado de consciência que é baseado no amor, compaixão ou qualquer palavra que deseje usar. A partir desse estado, ele tenta comunicar essa verdade e diz as palavras do Sermão da Montanha; mas os seguidores derrubam essa verdade, criam uma igreja, uma religião, dizendo para se fazer isto e não aquilo. É o mesmo entre os Hindus que não descobriram a verdade expressa nas Upanishads ou na Vedanta. Continuam a fazer várias performances simplistas sem entrar em contacto com a verdade. Encontra-se o mesmo no Budismo; o que está a acontecer hoje em nome do Budismo está muito longe de ser a verdade que o Buda ensinou. Portanto, é preciso mantermo-nos conscientes deste perigo em nós próprios, tendo visto o potencial que todas as pessoas no mundo têm para derrubar a verdade e concentrar-se no familiar porque é mais fácil. Torna-se um processo de ego, procurando sentirem-se seguros. A ideia de que estou progredindo dá-me uma boa sensação. Torna-se uma barreira para a percepção da verdade, porque as energias estão agora dissipadas em todos os tipos de atividade superficial cega.

RB: É importante perceber que o próprio caminho é uma metáfora, não se refere realmente a um caminho com um começo e um fim. Não tem começo, porque tudo lhe pertence, e não tem fim. Recordo-me de algo nas cartas de Mahatma sobre o Mestre KH (se se acredita nos Mestres ou não, não é relevante.) O Mestre KH alcança um nível de Samadhi, o que se deve ao facto de ele ter que fazer uma longa viagem interior e precisa de não ser perturbado no nível físico. Há uma referência a isso na Luz no Caminho [The Light on the Path]. Quando terminarmos esta viagem

e tudo o que é da natureza animal tenha chegado ao fim, então percebemos que o caminho vai infinitamente mais longe. Agora, pensar que esse caminho como não tendo fim em si, implica um estado contínuo de ser com uma capacidade de aprendizagem ilimitada, que nada tem a ver com a coleta de conhecimento do tipo comum.

PK: Penso que Krishnamurti expressou o mesmo em palavras um pouco diferentes quando diz que a liberdade está no início da aprendizagem, não no final. Porque não começamos a aprender quando as nossas percepções estão distorcidas pelo processo do ego, pela coloração individual que este dá a essa percepção. Portanto, não podemos perceber a verdade. Assim, se perceber a verdade é aprender, então essa aprendizagem não pode ser aprofundada enquanto não formos livres; mas essa liberdade, no meu ponto de vista, não é um ponto fixo que deve ser atingido. A possibilidade de perceber a verdade sem distorção existe sempre na consciência humana. É por isso que é possível, mesmo para uma pessoa condicionada, ter um vislumbre da verdade. Por exemplo, mesmo o muito cruel imperador Ashoka pode ter uma visão profunda e mudar completamente depois da guerra de Kalinga. Assim, o ego não impedir completamente a capacidade de discernimento.

RB: É por isso que eu também sinto que um ser humano tem essa capacidade para a consciência pura, através da qual recebe um vislumbre do real, mas tende a traduzir-lo em termos do antigo padrão integral do seu condicionamento, que é o conhecido. Tem de livrar-se dessa limitação e perceber através da sua verdadeira consciência. Pessoas como Krishnamurti, penso eu, nasceram a fim de ajudar os seres humanos a sair de seu condicionado e limitado estado de individualidade e perceber que há algo muito mais vasto, mais belo e que estão a perder porque permanecem confinados no mundo dos seus próprios pensamentos.

PK: Isso significa para mim que o que Krishnamurti se revoltou contra em 1929 ou

1933, algures nesse período, não era a essência da Teosofia mas a tendência à incrustação, tratando a Teosofia não como uma investigação mas como uma nova forma de crença ou algum novo corpo de conhecimento que se aceita, tal como aconteceu em todas as outras religiões. Ele deve ter visto o perigo e revoltou-se contra isso, querendo trazê-la de volta para a procura do que ele chamou uma mente religiosa --- não uma mente Cristã ou uma mente Hindu. Há unicamente uma mente religiosa. E, como teósofos, tínhamos de ir além de todas as formas superficiais e ir ao encontro da verdadeira mente religiosa com sabedoria, amor, compaixão, verdade, beleza e o fim de toda a violência. Gostaria de citar aqui o que ele disse sobre a mente científica e a mente religiosa. Ele disse: “A mente religiosa não tem crenças; não tem dogmas; move-se de facto para facto e, portanto, a mente religiosa é a mente científica. Mas a mente científica não é a mente religiosa. A mente religiosa inclui a mente científica, mas a mente que é treinada no conhecimento da ciência não é uma mente religiosa.”

RB: Nesse sentido, a verdadeira mente teosófica é simultaneamente científica e religiosa.

PK: Não temos que sentir desagrado por qualquer religião, ou condená-la, ou qualquer coisa deste género. Termos nascido nela é apenas um facto incidental. Nela existem aspetos bons, aspetos superficiais e superstições. Temos de ir para além disso. Não tenho de permanecer limitado a isso, não tenho de estar afeiçoado e defendê-la. Pode ter-me ajudado a crescer na infância, mas não tem de me limitar de forma alguma na minha exploração do que é verdadeiro e do que é falso.

RB: Assim, uma vida verdadeiramente teosófica é aquela que nos permite crescer na verdade, descobrir cada vez maior sabedoria e ser espiritual.

PK: Podemos concluir aqui.

RB: Sim.

∞

O Caminho do Autoconhecimento

RADHA BURNIER

Experiência Própria

Os estudantes sérios de Teosofia devem querer mais do que estudar teoricamente as verdades ensinadas na literatura teosófica. Devem esforçar-se para conhecer a verdade através da experiência própria, com o objetivo de alcançar a sabedoria e a força necessárias para ajudar os outros de forma eficaz e sábia, e não cega e casualmente. Aquilo a que chamamos Teosofia só é realmente Teosofia na medida em que, através do seu estudo, a verdade fundamental da Existência Una é gradualmente compreendida.

A mera especulação intelectual, os debates sobre assuntos cosmológicos e antropológicos e a compreensão conceitual de diversos detalhes abordados pela vasta literatura teosófica disponível não significam conhecer a Teosofia.

«Não é possível alcançar a compreensão das fases mais elevadas da existência do homem nesse planeta através de uma mera obtenção de conhecimento. Nem sequer grandes volumes de informação muito bem articulada podem revelar ao homem a vida das regiões mais elevadas. É preciso obter conhecimento dos factos espirituais através da experiência própria.» (Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett / excerto da Carta 65, edição cronológica). A expressão mais elevadas significa espiritualmente mais perfeitas, como o autor da frase salientou numa outra carta.

Segundo H.P. Blavatsky, no texto intitulado A Doutrina Secreta e Seu Estudo (Robert

Bowen): «É pior que inútil procurar aqueles que imaginamos serem alunos adiantados e pedir-lhes uma interpretação da Doutrina Secreta. Eles não podem fazê-lo. Se tentarem, só conseguirão dar simples interpretações exotéricas que não se assemelham, nem de longe, à Verdade. Aceitar tais interpretações significa prender-nos a ideias fixas, porque a Verdade está além de quaisquer ideias que possamos formular ou expressar.»

As interpretações exotéricas podem ser úteis quando consideradas como simples indicadores, e nada mais. «É um erro pensar que se pode encontrar uma descrição satisfatória da formação do universo em A Doutrina Secreta, pois aquilo que se conseguirá será apenas ficar confuso com o seu estudo. O objetivo desta obra não é dar um veredito definitivo sobre a existência, mas sim conduzir o leitor em direção à Verdade.»

H. P. B. adverte que ao estudar A Doutrina Secreta – ou, como poderíamos igualmente dizer, ao estudar Teosofia – a mente deve ter sempre em consideração algumas verdades essenciais, sendo a primeira delas a Unidade fundamental de Toda Existência. Tendo presente esta verdade em qualquer situação, ao estudar, viver ou agir, surge uma consciência religiosa que deve ser o princípio do verdadeiro conhecimento teosófico. «O Espírito, ou a Vida, é indivisível.» (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett, excerto da Carta 44, edição cronológica). «Cada molécula é parte da vida universal.» (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett,

excerto da Carta 66, edição cronológica).

Ter consciência religiosa é caminhar rumo ao Uno indivisível e perceber intuitivamente a sua Verdade. Uma vez que a Teosofia em si mesma não é diferente de Religião no sentido mais verdadeiro do termo, o seu estudo deve produzir essa consciência religiosa. Aqui podemos relembrar aquela inspiradora afirmação que diz que o primeiro passo é o último passo. (Afirmação de J. Krishnamurti). Talvez possamos ver nesta afirmação o seguinte significado, entre outros: quando se decide seguir numa determinada direção, o primeiro passo deve avançar logo na direção escolhida, e não na direção oposta. A direção oposta só nos levaria à inverdade.

Assim, se o que tentamos compreender é a Religião-Sabedoria, o estudo, a vida e a ação devem ter, desde o início, uma substância tal que faça surgir deles a percepção religiosa que conduz a pessoa à direção certa.

H.P.B. explica a verdade da unidade da seguinte maneira: «Essa unidade é algo totalmente diferente da ideia comum de unidade – como quando dizemos que uma nação ou um exército é unido... A existência é uma coisa Una, não uma coleção de coisas reunidas. Basicamente, temos o Ser Uno... Como ele é absoluto, nada lhe é exterior. É o Ser Total. É indivisível, caso contrário não seria absoluto. Se uma parte dele pudesse ser separada, a parte que restasse não poderia ser absoluta, porque surgiria imediatamente a questão da comparação entre ela e a parte que foi separada. A comparação é incompatível com qualquer ideia de absoluto.» (excerto do texto há pouco referido, A Doutrina Secreta e Seu Estudo de Robert Bowen).

O Sofrimento e o Mal

Segundo o antigo Katha Upanishad, aquele que apenas vê diversidade aqui (isto

é, na criação) passa da morte para a morte. É desnecessário dizer que apenas vendo a diversidade, o homem cria sofrimento psicológico para si mesmo. Ao separar o eu de vós e de todos os outros, ele passa a vida competindo, em conflito, tentando em vão ser mais – mais poderoso, mais importante, mais reconhecido, e assim por diante.

Como os olhos humanos ainda não foram iluminados pela percepção religiosa, a natureza e a vida do homem têm sido as mesmas há milhões de anos. Para salientar este facto, um sábio escreveu: «É o mesmo agora como há milhões de anos: preconceito baseado no egoísmo; uma resistência geral para abandonar uma ordem estabelecida de coisas em função de novos modos de vida e de pensamento (...), orgulho, e uma teimosa resistência à Verdade, quando ela abala as vossas noções preconcebidas sobre as coisas – estas são as características da vossa época.» (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett, excerto da Carta 1, edição cronológica).

Toda a sociedade humana, organizada pelo pensamento humano, estimula e alimenta as emoções, os pensamentos, as teorias e as ações que levam cada vez mais à separação e, como resultado, a mais sofrimento psicológico. O sofrimento e o mal são os dois produtos da inverdade nas mentes divididas e separativas dos homens.

Tanto o sofrimento quanto o mal existem apenas na esfera da existência humana. Embora os animais sofram – infelizmente a crueldade humana causa-lhes um sofrimento terrível – eles não precisam suportar a tristeza, que é destino apenas do homem, pois é um produto da mente. O sofrimento psicológico é uma parte da submissão da mente ao passado. Ele é a lembrança de experiências passadas e a projeção de acontecimentos futuros. É a autoconsciência que nos faz pensar sobre a nossa própria condição. O mal também só existe entre os homens.

Não há mal algum na Natureza. Quando um tigre ataca um cervo, ele é movido pela sua natureza, de forma inconsciente e inocente, sem que nisso haja mal algum. No entanto, dotados de uma mente e da capacidade de pensar sobre o certo e o errado, os seres humanos criam o mal, afastando-se da sua natureza original e destruindo a sua inocência e sua espontaneidade. Tudo o que consideramos mal é resultado apenas da ação do homem. «O verdadeiro mal nasce da mente humana, e essa origem está totalmente nas mãos do homem racional, que se dissocia da Natureza. A humanidade é, assim, a única e verdadeira fonte do mal.» (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett, excerto da Carta 88, edição cronológica).

A Unidade da Natureza

O progresso na Teosofia é a viagem do irreal para o real, das trevas para a luz, da morte para a imortalidade. O começo deste progresso está na compreensão de que o infinito não pode ser conhecido pelo finito. O imperecível não pode ser encontrado através do vosso envolvimento com o perecível e com o que é composto. O verdadeiro estudo da Teosofia não se resume à literatura teosófica; é o estudo do livro da vida, a observação da natureza humana, a contemplação da Natureza e dos fenômenos do mundo, de maneira que a Existência Una possa ser percebida.

Num dos Upanishads afirma-se que concentração ou dharana é o fluxo constante da mente em direção ao Uno. Surge então a renúncia a qualquer pensamento de separação. Quando dharana acontece, todo o pensamento e toda a percepção levam a um movimento da consciência em direção ao Uno.

A vida teosófica é, assim, um crescimento natural em direção ao altruísmo. A sabedoria não pode ser obtida por alguém que não tenha, no seu coração, amor para com a

humanidade – mais ainda, amor para com toda vida. «Sintonizaste o teu ser com o grande sofrimento da humanidade, ó candidato à luz? Sintonizaste? (...) Então podes entrar.» Assim diz A Voz do Silêncio. Não pode haver amor numa mente onde apenas existe diversidade. É apenas quando a mente tem vislumbres da unidade que ela começa a cuidar do outro. A partir desse momento não conseguirá descansar enquanto não encontrar o modo de acabar com o sofrimento. A descoberta de que o sofrimento e o mal não estão nem nas circunstâncias nem no processo histórico, mas sim na mente e na ação humana, leva logicamente à busca da estrutura e da origem do sofrimento e do mal no processo psicológico do homem.

O Senhor Buda ensinou que devemos entender o sofrimento como a primeira nobre verdade e que, disto tendo consciência, o próximo passo a ser dado é examinar as raízes profundas desse sofrimento.

Aqui começa o trabalho de autoconhecimento. É algo muito diferente da procura de alívio das dificuldades pessoais. Este alívio nunca poderá ser obtido, pois onde existir um objetivo egoísta não poderá surgir a sabedoria, e sem sabedoria não há alívio. «As mais elevadas aspirações pelo bem-estar da humanidade ficam maculadas pelo egoísmo, se na mente do filantropo ainda existir uma sombra de desejo de benefício próprio ou uma tendência para a injustiça, mesmo quando ele é disso inconsciente... Isto nunca será suficiente». (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett, excerto da Carta 2, edição cronológica). Nunca será suficiente, pois a sabedoria só é obtida por aqueles que a buscam de forma altruísta.

O Altruísmo é Ioga

H.P.B. afirmou que «o altruísmo é uma parte essencial do autodesenvolvimento». À medida que a consciência de uma pessoa se

torna plena de sentimento altruísta, ela passa a ter as qualidades que mencionamos e, portanto, inicia o seu desenvolvimento. Um dos paradoxos da vida interior é que se deve aprender a ajudar e a ser realmente útil, mesmo sem se sentir qualificado para o fazer. O mais humilde é o mais sábio e o que está melhor qualificado para servir o mundo. O altruísmo é uma mudança substancial na qualidade da mente, mais do que uma ação específica qualquer. Quando em nós existe o estado interior correto, a ação correta ocorre automaticamente.

«Lembre-se sempre de que o verdadeiro ocultismo ou Teosofia é “a Grande Renúncia ao eu”, incondicional e absolutamente, tanto em pensamento quanto em ação. Ela é altruísmo, e aquele que o pratica deixa de fazer parte do mundo dos vivos.» (H.P.B., *Ocultismo Prático*).

Como vimos, a compreensão altruísta é aquele estado no qual não mais existem a teimosia e o desejo de moldar a vida de acordo com os padrões criados por si mesmo. Enquanto o eu pessoal existir, com a sua vaidade e o seu orgulho, o altruísmo é impossível. O progresso altruísta é a capacidade de anular o eu pessoal, o que se consegue através da compreensão dos movimentos deste eu. O começo da Sabedoria não é o temor a Deus, mas sim a compreensão do eu. O autoconhecimento – ou atma vidya, para usar o termo sânscrito - «é o único gênero de altruísmo que o teósofo... sábio e desinteressado deve buscar.» (H.P.B., *Ocultismo Prático*).

A Libertação dos Apegos

O ilimitado poder criativo da consciência só pode operar quando não mais existem a limitação do apego, nem a identificação com os objetos. Com a libertação dos apegos, dá-se a descoberta de mais um dos valores eternos inerentes à consciência.

Devido ao fato de que quando não existe liberdade interior os outros valores absolutos

não podem florescer, no oriente, a libertação espiritual é considerada o objetivo fundamental da existência humana. A liberdade, como a felicidade, é procurada instintivamente pela vida confinada em quaisquer formas, o que indica que a liberdade é inerente à própria natureza do ser humano. Quando está livre do apego às coisas finitas, a consciência recupera o seu estado natural e original.

A liberdade tem sido descrita como o estado natural do ser humano em obras sobre ioga, pois em estado de liberdade manifesta-se tudo o que é inerente à consciência, inclusive valores ainda não mencionados. Sabedoria, amor, harmonia, pureza e plenitude são alguns dons naturais da consciência – além de liberdade, da bem-aventurança e da inteligência.

O despertar dos poderes latentes no homem é a descoberta da natureza pura e essencial da consciência. Este fato tem muito pouco a ver com o desenvolvimento da telepatia, da clarividência e de outros poderes e aparentes façanhas, que nenhuma mudança fundamental trazem ao ser humano e tão pouco expressam a glória da sua consciência. Por outro lado, ao identificar-se com a experiência de realizações nesse campo, o indivíduo limita-se a si mesmo e permanece no campo da ilusão, porque toda a forma de autoidentificação é ilusória.

Assim, o autoconhecimento é tanto negação como descoberta, e tanto renúncia como realização. É a negação do apego e da ilusão, e a descoberta da verdadeira natureza e dos tais poderes da vida interior. Através da negação total «dá-se a purificação da mente, não só num nível superficial, mas também nas suas profundezas mais ocultas. Quando a mente é esvaziada do seu conteúdo acumulado, não mais existe o eu, o acumulador. Este conteúdo, a memória acumulada, é o eu que, por sua vez, não é uma entidade independente do conteúdo acumulado (...). A mente precisa de estar completamente

vazia para receber; mas a ânsia de se esvaziar para receber é um obstáculo profundamente enraizado, e isto também precisa de ser compreendido como um todo, não em qualquer nível específico. A ânsia pela experiência deve cessar por completo, o que só acontece quando aquele que experimenta não se está alimentando das suas experiências e memórias.» (Krishnamurti, Comentários Sobre o Viver).

Quando existe uma real compreensão do eu e já surgiu a purificação, não existe eu no sentido usual do termo. Portanto, a própria palavra autoconhecimento não tem sentido nessa situação. Ela poderia sugerir a existência

de um conhecedor que conhece o eu como um objeto de conhecimento.

Mas no estado em que há conhecimento profundo e verdadeiro, que é o estado da sabedoria, não há dualidade; não existe um eu a ser conhecido; não há conhecedor, nem objeto do conhecimento. «O conhecimento real não é um estado mental, mas sim um estado espiritual que implica plena união entre o conhecedor e o conhecido.» (Cartas dos Mahatmas Para A.P. Sinnett, excerto da Carta 2, edição cronológica). ∞

Excertos de O Caminho do Autoconhecimento, Radha Burnier

Há pessoas que gostariam de ver crescer de forma rápida o número de membros da Sociedade [Teosófica], bem como ver aumentar a sua popularidade. Essas pessoas querem agradar ao público com coisas psicologicamente agradáveis, as quais muito pouco ou mesmo nada têm a ver com a fraternidade universal que é o principal Objetivo da Sociedade, ou com a aspiração e a procura comuns pela verdade as quais ligam espiritualmente as Secções mais distantes e os seus membros num elo de ligação afetuoso. Essas pessoas consideram ser uma fraqueza da Sociedade o facto de ela não atender às necessidades do público, mudando os seus objetivos para ganhar popularidade. A política clara da Sociedade não é entreter o mundo com as suas vontades, mas ajudar as pessoas a descobrir a fonte de sabedoria em si mesmas.

Radha Burnier

O Que Um Teósofo Tem Obrigação De Não Fazer

H. P. BLAVATSKY

Pergunta: Na Sociedade Teosófica há leis ou cláusulas que estabeleçam quaisquer proibições para os seus membros?

Resposta: Muitas, mas não as impomos. Essas normas exprimem o ideal da nossa organização, mas deixamos a sua aplicação prática ao critério dos membros. É precisamente por isso que me vejo forçada a salientar a diferença que existe entre a verdadeira Teosofia e a Sociedade Teosófica, pois esta, apesar de todos os seus esforços e boas intenções, não passa afinal do veículo indigno da primeira.

P: Não me poderá dizer que escolhos perigosos são esses que surgem no mar alto da Teosofia?

R: Bem lhes pode chamar escolhos, pois já houve muitos membros sinceros e bem intencionados da Sociedade Teosófica que encaharam neles com consequências fatais! E, no entanto, às vezes parece que seria extremamente fácil evitar determinadas coisas. Vou dar-lhe um exemplo de uma coisa que os teósofos não devem fazer e que constitui uma verdadeiro dever teosófico: Nenhum teósofo deve ficar calado ao tomar conhecimento de acusações ou calúnias contra a Sociedade ou pessoas inocentes, quer estas sejam ou não membros da Sociedade.

P: Mas supondo que essa acusação é verdadeira, ou que pode ser verdadeira, sem nós sabermos?

R: Nesse caso terá de exigir que lha provem, ouvir as partes interessadas com imparcialidade e não se limitar a não contradizer. Não temos qualquer direito de acreditar numa afirmação

caluniosa antes de termos provas irrefutáveis quanto à sua exactidão.

P: Então o que é que se deve fazer?

R: A compaixão, a indulgência, a caridade e a paciência são virtudes que nos deviam permitir sempre desculpar os nossos irmãos pecadores e não julgar aqueles que erram com demasiada dureza. Um teósofo nunca deve esquecer que muitas falhas se devem a deficiências e fraquezas da natureza humana.

P: Num caso desses os teósofos devem então perdoar completamente?

R: Em todos os casos, e isso aplica-se sobretudo à pessoa contra a qual o pecado é cometido.

P: Mas o que deverão eles fazer se, ao perdoar, se arriscam a magoar alguém ou a deixar que outros sejam magoados?

R: Devem fazer o seu dever, aquilo que a sua consciência e natureza superior lhes ditar, mas só depois de ponderarem bem a atitude que devem tomar. A justiça consiste em não fazer mal a nenhum ser vivo, mas a justiça também manda que nunca deixemos que se faça mal à maioria, ou mesmo a uma única pessoa inocente, deixando passar sem censura uma pessoa culpada.

P: Quais são as outras coisas que os membros da Sociedade Teosófica não devem fazer?

R: Nenhum teósofo se deve contentar com uma vida ociosa e frívola que não lhe traz bem nenhum a ele e ainda menos aos outros. Deverá trabalhar pelo bem daqueles que precisam dele se não tiver possibilidade de lutar pela

Humanidade, e esforçar-se desse modo pelo desenvolvimento da causa teosófica.

P: Isso exige que uma pessoa tenha uma natureza excepcional e deve ser difícil para muita gente.

R: Nesse caso será melhor que não se tornem membros da Sociedade Teosófica, em vez de fingirem ser uma coisa que não são. Não pedimos a ninguém que dê mais do que aquilo que pode, quer se trate de dedicação, tempo, trabalho ou dinheiro.

P: E que mais?

R: Nenhum membro activo deverá atribuir demasiada importância ao seu avanço ou conhecimento pessoais em matéria de estudos teosóficos, devendo antes trabalhar o mais que puder pelos outros. Não deverá deixar que sejam os poucos trabalhadores dedicados a suportar todo o peso e responsabilidade da causa teosófica. Os membros devem sentir que é seu dever compartilhar o trabalho comum na medida das suas possibilidades e dar toda a colaboração que lhes for possível.

P: É justo. Que mais há?

R: Nenhum teósofo deverá colocar a sua vaidade pessoal, ou os seus sentimentos, acima dos interesses da Sociedade como um todo. Aquele que sacrifica esses interesses ou a reputação doutras pessoas no altar da sua vaidade pessoal, benefício mundano ou orgulho, não deveria continuar a ser membro da Sociedade. Um órgão canceroso é quanto basta para afectar todo o corpo.

P: É dever dos membros ensinar aos outros e pregar a Teosofia?

R: Sem dúvida. Nenhum membro tem o direito de ficar de braços cruzados sob o pretexto de saber demasiado pouco para poder ensinar, pois há sempre pessoas que sabem ainda menos do que ele. Além disso, só quando uma pessoa começa a tentar ensinar aos outros é que descobre a sua própria ignorância e tenta

vencê-la. Mas esta regra é menos importante.

P: Qual é, então, o dever teosófico mais importante?

R: Estar sempre disposto a reconhecer e a confessar os seus próprios defeitos. É preferível pecar por sobrevalorizar os esforços do próximo do que por não se ser capaz de os apreciar. Nunca dizer mal duma pessoa nem caluniar ninguém. Dizer sempre aberta e directamente aquilo que temos contra alguém. Nunca repetir nada que ouçamos dizer contra os outros, nem guardar rancor contra aqueles que nos magoam.

P: Como é que se pode distinguir a maledicência da crítica justa? Não será nosso dever prevenir os nossos amigos e o nosso próximo contra pessoas que sabemos serem companhias perigosas?

R: Se pelo facto de não censurarmos alguém corremos o risco de deixar que outros sejam magoados, é sem dúvida nosso dever tentar evitá-lo prevenindo os interessados em particular. Mas nunca devemos espalhar uma acusação feita contra outra pessoa, seja ela verdadeira ou falsa. Se for verdadeira e não afectar senão o pecador, deixemo-lo entregue ao seu Karma. Se for falsa, evitaremos desse modo uma injustiça maior. Não devemos, portanto, falar dessas coisas com pessoas a quem não dizem directamente respeito. Mas se a nossa discrição e silêncio puderem magoar ou por em perigo outras pessoas, então devo acrescentar: «Diz a verdade custe o que custar», e repito as palavras de Annesly: «Aconselha-te com o dever e não com os acontecimentos.» Há casos em que uma pessoa tem de dizer: «Mais vale não ser discreto do que deixar de cumprir o dever.»

P: Já que admite haver pelo menos tanta, senão mais, maledicência, calúnia e questões na Sociedade Teosófica do que nas Igrejas Cristãs, para não falar de associações científicas, gostaria que me dissesse que espécie de Fraternidade é essa?

R: É, de facto, uma amostra de fraca qualidade neste momento e, até que seja cuidadosamente joeirada e reorganizada, a Sociedade Teosófica não será melhor que outras organizações. Mas não esqueça que a natureza humana é a mesma dentro e fora da Sociedade. Os seus membros não são santos; na melhor das hipóteses são pecadores que se esforçam por se aperfeiçoar e que têm muitas possibilidades de cair de novo devido à sua fraqueza.

P: Não me parece que esteja numa posição muito invejável.

R: Na realidade não estou. Mas não acha que tem de haver algo de muito nobre, muito elevado e muito verdadeiro na Sociedade e na sua filosofia para que os seus dirigentes continuem a trabalhar por ela com todas as suas forças?

P: Devo confessar que tal perseverança me admira, e já perguntei a mim mesmo por que é que o fariam.

R: Pode acreditar que não é para nossa satisfação própria. Para a geração vindoura, o caminho para a paz será um pouco menos espinhoso e um pouco mais largo; todo este sofrimento terá produzido bons resultados e o auto-sacrifício não terá sido em vão. Neste momento, o objetivo principal e fundamental da Sociedade é lançar nos corações dos homens sementes que a seu tempo germinem e que, em condições mais propícias, conduzam a uma reforma salutar que traga às massas uma maior felicidade do que aquela que lhes foi dado gozar até agora. ∞

Linda Oliveira: Qual é a direção que a ST deve tomar ao entrarmos no século XXI?

Radha Burnier: O senhor C. Jinarajadasa, ex-Presidente da S.T., referiu-se a uma nova humanidade da intuição. Durante mais de cem anos falamos na S.T. sobre fraternidade universal e a sua importância. Contudo, apenas falar sobre fraternidade universal, estudar ou teorizar não torna as pessoas mais fraternas. (...) Se formos capazes de ver o interior das coisas, captar a beleza, o sentido de qualquer coisa com a qual tivermos contato, não poderemos deixar de amá-la e de valorizá-la. (...) O intelecto – a mente pessoal – não pode ver o significado da verdade no interior do ser humano, de uma planta ou de qualquer coisa. É somente a intuição, à qual Krishnamurti chamou percepção, ou se preferir a mente pura, que pode ver isso. A fraternidade pode ser espontânea e criará finalmente um mundo de paz e de bondade. (...) Na fraternidade não deve haver condição e devemos assumir completa responsabilidade pelas nossas próprias respostas. (...) Penso que a S.T. deve dar maior ênfase a esta questão e encorajar os seus membros e outros mais a fazer tudo o que for necessário para despertar esta sensibilidade, esta conscientização do valor e significado de toda vida. Surgirá então uma real fraternidade.

In: revista Theosophy in Australia, setembro de 1995

Teosofia e Educação

MARIA BEATRIZ SERPA BRANCO

Embora haja que distinguir Teosofia e Sociedade Teosófica, este texto destina-se a documentar a influência sobre a Educação não só da Teosofia, como Sageza, mas também da Soc. Teosófica, como foco de irradiação dessa Sabedoria, como uma Escola e um campo de aplicação dessa Sageza.

A atividade da S. T. é em si mesma educativa, isto é, provocadora de uma autêntica revolução psicológica e social.

Trabalhando para a realização real da fraternidade, não só entre os seus membros como entre todos os seres, entre todos os povos e raças, religiões, ideologias, sexos, condições sociais (1.º objetivo), a S.T., entendida como o conjunto dos seus membros, tem contribuído para a abolição dos preconceitos e fronteiras que separam os homens.

Tem sido tarefa educativa da S. T.:

- Destruir superstições, preconceitos e barreiras.

- Interessar os homens na investigação das raízes da fome, da doença, das injustiças sociais, da ignorância, da violência, da crueldade, e dinamizar esses mesmos homens a trabalharem para a abolição de todos esses males.

- Motivar as pessoas para o respeito pela vida, para a libertação de todas as formas de alienação, de tudo o que as torne escravas de si mesmas ou de outros.

- Acordar os homens para a Unidade da Vida, além das formas separadas, acordá-los portanto para a responsabilidade social, para a cooperação e para o Amor.

Assim, poderemos dizer da Teosofia e da S. T. que elas trouxeram à Educação uma motivação muito importante: uma nova visão do Homem e da sua relação. Uma visão intemporal e cósmica que dá perspectivas e possibilidades infinitas à sua educação.

Uma das primeiras transformações que o estudo da Teosofia faz nascer é a compreensão do ser humano, sob dimensões mais profundas e inteiramente novas para o homem moderno.

Será preciso portanto renovar o adulto, estimulá-lo ao conhecimento de si mesmo, da sua verdadeira dimensão e da sua relação com o Todo.

Até porque só quando o adulto se renova pode aparecer a Criança, na sua inteira verdade, na sua sabedoria. Só um adulto educado saberá compreendê-la e ajudá-la a crescer.

Para a Teosofia a Educação é entendida com um processo ilimitado, porventura já existente antes do nascimento, porventura continuado para lá da morte.

E dada a Unidade, que se supõe existente, do Homem com o Todo Universal, será essencial uma atenção à auto-educação através da relação com os outros.

Uma visão teosófica ajuda a educação a encontrar o seu verdadeiro sentido, libertando-a de limitações e pesados preconceitos a que está submetida.

Na verdade, a Educação, em termos de uma Sabedoria da Vida, que é Teosofia, terá de distinguir-se daquilo que ela é para o senso comum: um mero processo de ganhar a vida ou

ainda de adquirir posição ou sucesso.

De outro modo cai-se no simples adestramento e na competição gerada pela ambição e pelo medo.

Nesta visão libertadora a Educação será um processo de desenvolvimento integral do ser humano (acordando nele capacidades adormecidas), ao mesmo tempo que lhe dá plena consciência da sua dimensão social, através da sensibilização à relação com os outros.

Poderíamos indicar, desde a Antiguidade, escolas de filosofia verdadeiramente teosóficas (como por exemplo a de Pitágoras, no séc. VI a. C.) que tinham como objetivo o desenvolvimento integral, a tal ponto que, segundo testemunhos da época, os discípulos dessa escola se contam, no seu tempo, entre os homens e mulheres de maior nobreza de carácter.

Limitar-nos-emos porém à influência da Teosofia na Educação, já depois da fundação da Sociedade Teosófica. Assim, focaremos:

A — essa influência sobre alguns pedagogos que tiveram ligações diretas com a Soc. Teosófica, embora com uma obra independente dela.

B — o impulso que a S. T. no seu conjunto deu à Educação através de alguns dos seus membros que realizaram a sua obra pedagógica sempre em ligação com o trabalho da S. T.

Dessa atuação nasceram por vezes instituições educativas de tal vitalidade que são hoje capazes de perfeita autonomia.

A) Entre os primeiros a que nos referimos, indicaremos, cronologicamente, Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia.

Steiner, que foi membro da S. T., baseou o seu sistema educativo numa conceção teosófica do homem.

Existem hoje muitas escolas sob o nome de Fundação Waldorf, na Europa e na América, cuja orientação reflete uma notável tendência para atender às características psicológicas e à

evolução correlativa dos aspetos físico e espiritual da criança, num processo de educação integral, para que aponte a Teosofia.

Maria Montessori — a grande pedagoga que também foi membro da S. T. e que trabalhou durante a última fase da sua vida em Adyar (sede da Soc. Teosófica mundial), com outros educadores teósofos (George e Rukmini Arundale entre outros), revela também na sua obra, de enorme projecção, a influência da Teosofia.

Essa influência mostra-se principalmente na maneira como ela encara a criança. Este pequeno ser traz já consigo uma personalidade própria, uma energia criadora, que é preciso respeitar:

«O propósito da educação deve ser, primeiro que tudo, descobrir a alma da criança e efetuar a sua libertação» (in *A Criança*)

E o educador deverá não tanto ensinar à criança o que ela muitas vezes não deseja saber, mas ajudá-la a exprimir toda a riqueza que já traz consigo.

Montessori faz também reparar na necessidade de criarmos um mundo para a criança, onde ela seja respeitada como criança e onde possa crescer normal e feliz através dos períodos do seu desenvolvimento.

... a figura da criança apresenta-se potente e misteriosa... a criança, que contém o segredo da nossa natureza, converte-se em nosso mestre.»

Ela é assim um «pequeno Messias», um ser destinado a libertar os homens das limitações da sua falta de amor. Um ser cheio de potencialidades maravilhosas que a educação terá de ajudar a revelar.

Há hoje por todo o mundo milhares de educadores e grande número de jardins de infância inspirados por esta visão educativa, de cunho verdadeiramente teosófico.

Teosofia e Educação pela Música — Edgar Willems é outro pedagogo, membro da S. T., e

autor de um método de educação musical de grande aceitação na Europa, praticado em muitas escolas de vários países, incluindo Portugal. Ao mostrar como surgiu a sua pedagogia, de raiz teosófica, diz:

«Em primeiro lugar, a Unidade da Vida... reconhecer e criar laços entre a música, o homem, e a Vida.» (Humanismo n.º 1 —1966)

J. Krishnamurti — Apesar de ser um Educador plenamente original e independente, seria uma grave lacuna não nomear entre os representantes de uma Educação Nova de raiz na Teosofia, este grande Pedagogo, já que ele é, como alguém disse, «um dos melhores frutos de uma verdadeira educação teosófica».

Duas tónicas essenciais em Krishnamurti são: — a atenção à vida, como base de toda a compreensão do homem e da sua relação com o mundo, e a transformação que essa compreensão traz e que é, só por si, uma auto educação.

Em relação à Criança essa atenção do adulto é também essencial, para que ela possa ser orientada e não reprimida.

É uma educação que tem por base a liberdade e o Amor e não a competição e a violência, de modo a tornar possível um mundo sem sofrimento, onde haja seres felizes e criadores, livres de todo o medo.

«Há uma eficiência inspirada no amor que leva muito mais longe, que é muito superior à eficiência da ambição; e sem o amor, que traz a compreensão integral da vida, a eficiência gera a crueldade (...)

Para criarmos a educação correta, é evidente que temos de compreender o sentido da vida como um todo (...) Os sistemas, quer educativos quer políticos, não se transformam miraculosamente. Só se modificam quando há uma transformação fundamental em nós mesmos. O indivíduo é de primordial importância e não o sistema. E enquanto o indivíduo não compreender o processo total de si mesmo,

nenhum sistema, seja da direita, seja da esquerda, trará ordem e paz.

Se desejamos mudar o mundo, devemos de início transformar-nos, isto é, devemos estar conscientes das nossas próprias ações, pensamentos e sentimentos, na vida de cada dia.»

B) Apontamos agora os aspetos mais importantes da contribuição para uma pedagogia renovadora, proposta por membros que, como dissemos, deram ao trabalho teosófico uma colaboração predominantemente pedagógica. Eles compreenderam a S. T. essencialmente como um campo de aprendizagem social, uma Escola para investigação e desenvolvimento de todas as capacidades humanas, radicada na fraternidade e no respeito mútuos. Uma Escola para a aprendizagem da relação entre as pessoas, para a aprendizagem da cooperação entre participantes dos mais diversos matizes, quanto a credos, raças, opiniões, idades, sexos, nacionalidades, condições sociais. Compreenderam a S. T. como um foco de irradiação de um novo espírito, um elemento transmutador do Homem e do Mundo.

Sabedoria para um Tempo Novo — Começaremos assim por salientar a contribuição de Helena Blavatsky, a grande transmissora de uma Sabedoria antiquíssima, herança espiritual da Humanidade.

Basta dizer Teosofia para dizer Educação. Ambas são sabedoria. Ambas são desenvolvimento em direção à completa compreensão, em direção à completa expressão do que é.

A Teosofia é uma Sageza transformante do Homem, das relações do homem com o homem, das relações do Homem com o Mundo.

Assim, ao trazer a Antiga Sageza ou Teosofia ao mundo moderno, Helena Blavatsky tornou-se por isso colaborante numa educação nova para um tempo novo. Assim, ela contesta:

«Toda a educação ocidental (...) tem insulido o princípio da emulação e da luta (...)

e o mesmo espírito é proposto e fortalecido em cada detalhe da vida (...) Não é o «temor a Deus» que é o começo da Sabedoria mas o conhecimento do EU, ou vida total que é a própria Sabedoria» (in «Practical Occultism», pág. 24-28)

Fraternidade na Educação. A obra para a criação da fraternidade sem barreiras, para a realização da qual a S. T. foi criada, assumiu também com Henry Olcott uma expressão predominantemente educativa. Assim, ele pôs em causa uma milenária e terrível segregação social, a segregação das castas, criando na Índia a primeira escola para párias (os «intocáveis» ou desprezados por essa velha prática).

Socialmente esta escola veio chamar a atenção para a desumanidade do sistema e para o poder transformador de uma visão verdadeiramente espiritual e humanizada.

A reinstauração dos ensinamentos budistas na Ilha de Ceilão, e a consequente renovação dos ideais de fraternidade e transformação da vida, foi ainda outro aspeto fundamental da atividade pedagógica do 1.º presidente da S. T.

Muitas escolas, por sua direta intervenção, foram criadas nessa ilha, para crianças de todas as condições sociais.

Annie Besant — é reconhecida na Índia como tendo contribuído direta e indiretamente para a revitalização da cultura hindu.

Criou e inspirou instituições educativas, entre as quais se situa a que é hoje a Universidade de Benares, e foi bem conhecida a influência que exerceu sobre alguns educadores da Índia, tais como Tagore, Gandhi (que lhe prestou homenagem nesse sentido), e muitos outros. Focando-lhes a atenção nos valores universais de cultura hindu, despertou em muitos o desejo de regresso a uma vida mais simples e mais autêntica e menos escravizada aos valores degradados da decadente civilização ocidental.

Annie Besant foi ainda a grande educadora

de Krishnamurti durante a infância e juventude deste extraordinário educador e filósofo. Krishnamurti prestou-lhe completa justiça, não só pela profunda afeição que lhe dedicou como por ter afirmado que a sua mãe adotiva o educara sempre em plena liberdade.

Ainda hoje as obras que escreveu e especialmente a sua vida inteiramente dedicada ao serviço dos oprimidos, à transmissão de uma Sabedoria que ela própria incarnou e à transformação da sociedade numa prática de justiça e solidariedade, são um incitamento constante à auto educação.

“O livro da vida é o único a que damos a nossa atenção mais profunda (...) é a vida e não o conhecimento, o coração purificado e não a cabeça bem preenchida que nos conduz.» (in «The Doctrine of the Heart»)

«Precisamos de reconhecer que o EU, a VIDA em todos é una (...), compreender — sentindo-o e não só em teoria — que essa Vida ou EU está tentando exprimir-se através do ser externo que a bloqueia, e que a natureza interior é boa. embora aparecendo distorcida pelo que a envolve.» (id.)

Educação e Ocultismo — Charles Leadbeater é outro pedagogo que além de ter sabido estar atento à personalidade do jovem Krishnamurti, descobrindo-lhe assim a sua dimensão, teve uma notável ação de educador sobre outros jovens. Sabia estabelecer com eles uma boa relação, essencial a toda a atividade pedagógica.

Atém disso, chamou a atenção para a importância de um educador integrado, em quem não só os atos, mas também as emoções e pensamentos formem um todo em perfeita harmonia e equilíbrio.

«A grande regra deve ser para a mãe (e para todos que rodeiam a criança) não permita que em si própria se alberguem pensamentos ou emoções que não queira ver reproduzidos no

seu filho. «Os educadores devem» desenvolver em si próprios fortes e generosos afetos, pensamentos puros, nobres e elevadas aspirações, com o fim de que estes impulsos venham a agir sobre os entes que lhes foram confiados.»

Para que haja uma verdadeira ação educativa, a influência exterior tem de ser completada pela ação interior, em dimensões invisíveis mas igualmente reais.

As suas obras sobre o lado oculto das coisas e dos seres apontam para essa atenção às dimensões profundas da vida, fatores porventura mais decisivos na educação e na realização humana, que a ação externa.

As Crianças Agentes de Deus — Há na Teosofia uma corrente a que chamaremos Pedagogia Poética, que influenciou poderosamente em Montessori e que alcançou uma alta expressão em C. Jinarajadasa.

O ser humano e a criança em especial são olhados como seres de infinito, divindades exiladas que ao revelarem a sua face ajudam a transmutar o mundo.

Esta visão poética (e talvez por isso mesmo a mais real) expressa desde a mais remota antiguidade foi retomada por Blavatsky, Annie Besant e outros.

O Dr. Jinarajadasa dá-nos da criança essa visão cheia de Amor, que transforma a vida e inspira toda a relação educativa.

«...a Criança é a mais nova das pontes entre Deus e o homem (...) Se lançarmos a vista numa nova direção e descobrimos o «segredo da infância», saberemos que as crianças são alguma coisa mais do que crianças. Elas são mensageiras de um reino de beleza, sabedoria e força; elas podem conduzir-nos pela mão ao cume da montanha e mostrar-nos a terra dos nossos sonhos e das nossas esperanças.»

Aprender a olhar as crianças, aprender a amá-las, eis uma das chaves da penetração no segredo da vida.

Educação da sensibilidade — C. Jinarajadasa é ainda um renovador notável na moderna Pedagogia, ao apontar, com Rukmini Devi, Sri Ram e outros teósofos, a urgência da cultura da sensibilidade (ainda tão descuidada), para uma educação integral. Neste campo os teósofos salientam a importância do despertar da intuição, especialmente através da experiência do Amor e da contemplação da Beleza.

Os educadores teósofos têm sido dos maiores impulsionadores de uma educação pelo Amor e pela Beleza, como duas faces da Verdade Total. Entre os mais conhecidos membros da S. T. a que podemos chamar pedagogos da sensibilidade, apontamos Jinarajadasa e Rukmini Arundale, e ainda também George Arundale e Sri Ram, que nos deixou uma obra filosófica de poderosa ação educativa, estimulando à Sageza.

«A educação não é apenas alargar o conhecimento e as capacidades de cada um, mas também aprofundar a percepção e a sensibilidade, libertando progressivamente uma nova qualidade que faz da vida, mesmo nas condições vulgares, uma experiência diferente: mais rica, mais profunda e mais de acordo com a verdade que pertence não à superfície mas às profundidades da vida.»

George Arundale foi grande dinamizador das atividades educativas, especialmente na Índia. É de mencionar a criação do Centro para Treino de Professores, onde se aprende e ensina de acordo com as técnicas pedagógicas da Escola Nova.

Relativamente à educação da sensibilidade, referimos o seu livro *The Glory of Sex*, uma das primeiras e mais notáveis obras de educação sexual.

Rukmini Arundale — é conhecida em todo o mundo como educadora, artista e continuadora da obra de Annie Besant em relação à revitalização da cultura da Índia. Criou a Universidade das Artes (Kalakshetra),

destinada à realização de atividades de música, dança, artesanato e outras. Este tipo de escola destina-se a proporcionar uma educação da sensibilidade, pelo papel dado à beleza nas atividades pedagógicas.

Educação Integral. Sob a inspiração da Teosofia e da S. T. foram fundadas várias escolas que constituem exemplos de educação integral, na qual a sensibilidade é desenvolvida a par do intelecto e da ação. O despertar da intuição e da criatividade são a natural consequência deste tipo de educação.

Uma educação pela beleza e pelo amor, uma educação pela alegria e sem medo é o lema da orientação proposta.

Escola Nova — Encontramo-nos assim em face da realização dos ideais da Nova pedagogia, a que todos os educadores teósofos têm aderido.

O grande movimento conhecido por New Education Fellowship (Liga da Nova Educação), ligado à Escola Nova, teve origem num grupo de membros da S. T. que em Inglaterra formaram a Fraternidade Teosófica na Educação.

Têm-se fundado em todo o mundo escolas experimentais com esta raiz, espalhada hoje em muitos países da Europa e da América (incluindo o Brasil), assim como na Nova Zelândia, na Austrália e na Índia.

Conclusão

a) — A Sociedade Teosófica, desde a sua fundação em 1875, tem exercido sobre a Educação uma influência radicada no axioma da Unidade da Vida e nas consequentes relações de respeito, solidariedade e Amor.

b) — Desde há cem anos, a S.T. pratica o que hoje se chama educação continuada ou permanente. Os seus membros foram estimulados não só a adquirir uma informação aprofundada sobre o Homem e o Mundo (2.º Objetivo), como são encorajados a exercer o seu espírito crítico, detetando e rejeitando dogmatismos,

superstições e preconceitos.

Há pois aspetos renovadores neste campo da educação permanente, tal como há em relação ao que podemos chamar

c) — Uma Pedagogia Poética, não só pela visão que dá do Homem, e em especial da Criança, na sua profundidade, como pelo papel concedido à cultura sistemática da sensibilidade. A educação do aspeto afetivo tem sido posta de lado na sociedade contemporânea devido ao preconceito intelectualista, que considera a mente como o mais alto atributo do homem. Mas o treino do intelecto sem a cultura da sensibilidade desumaniza. Ele tem conduzido à competição e à violência. Uma afetividade rica e equilibrada é a melhor garantia de um sentido social.

— A ação pedagógica da S. T. insere-se assim no quadro de uma Escola Nova e da Educação Integral, a dimensões ainda mais profundas do que é geralmente considerada, dado que muitas vezes é ainda desligada do verdadeiro conhecimento do eu, em relação.

— É esta atenção ao eu, na sua relação com o Todo, que a Teosofia considera a base de toda a Educação. Só ela pode dar um justo sentido de valores, nascido da atenção à vida na sua profundidade, e só ele pode ajudar o ser nas respostas que tem de dar aos desafios dessa vida. Só assim poderá nascer uma nova relação do Homem com o Mundo, e uma vida diferente da vida vulgar, ainda tão superficial e à mercê das convenções e preconceitos. E só nesse novo equilíbrio o Homem poderá transformar-se a si mesmo e consequentemente transformar o Mundo.

A S. T. é um campo de convivência onde se tem experimentado e proposto entre os seus membros a vivência desta orientação educativa. A estes pertence a responsabilidade de realizar, em si e no mundo, esta proposta. ∞

Notícias da S.T.P.

Expressa-se um sincero agradecimento aos órgãos sociais, em particular, e a todos os membros, em geral, bem como a todos os simpatizantes da Sociedade Teosófica, que contribuíram para manter em plena atividade a Sociedade Teosófica de Portugal, durante o ano de 2013.

O ano de 2013 fica marcado por um acontecimento de relevo na história da S.T.P.: a mudança da sua sede para um novo espaço – rua José Estêvão, 10 B, em Lisboa, situado, portanto, na zona urbana onde funcionara a sede anterior. Expressa-se ainda um sincero agradecimento a Sofia Pinheiro, pelo seu excecional contributo na organização e decoração desse novo espaço, o que claramente favoreceu a atmosfera propícia ao funcionamento da nova sede.

Correspondendo a um momento histórico de confluência e simultaneamente de viragem entre passado e futuro, a inauguração da nova sede realizou-se no dia 16 de novembro.

Na inauguração da nova sede foram lembrados e homenageados todos os secretários-gerais da S.T.P. pelo seu envolvimento e empenho no trabalho teosófico, expresso por cada um deles de forma diferenciada, mas sempre com um mesmo objetivo: a expansão do movimento teosófico fundamentado na prática autêntica da liberdade e da fraternidade.

No dia da inauguração a nova sede foram também homenageados o primeiro presidente internacional, Henry Olcott, bem como os presidentes internacionais que se lhe seguiram. Neste contexto, foi igualmente manifestada uma enorme gratidão para com a atual presidente internacional, Radha

Burnier. A força do fio subtil que une os últimos sete presidentes internacionais da Sociedade Teosófica advém da dedicação, da perseverança e da coragem que marcaram a vida e o trabalho de cada um deles.

Numa reflexão, mesmo rápida, sobre a vida e o trabalho de cada um dos presidentes internacionais, facilmente se descobriria, em todos eles, a presença inteira da coragem que tudo enfrenta, da dedicação desprentensiva e da resoluta perseverança, rompendo caminho de forma profundamente inspiradora.

Também ao longo de 2013, tal como ocorrera em 2012, a realização de algumas atividades públicas decorreu em salas de atividades da Espiral, na Praça da Ilha do Faial (Jardim Cesário Verde à Estefânia), em Lisboa, a cujo coordenador António Paiva se expressa de novo um agradecimento. Voltaram a ser comemoradas as seguintes datas: 7 de fevereiro – Dia de Adyar; 8 de maio – Dia do Lótus Branco; 17 de novembro – Dia dos Fundadores, cuja comemoração, no dia 16 de novembro, enquadrou a inauguração da nova sede da S.T.P., como há pouco se referiu.

Em destaque, registre-se a visita de Tràn-Thi-Kim-Diêu, presidente da Federação Europeia da Sociedade Teosófica, a Portugal – Porto, Lisboa e Évora, cidades onde realizou as seguintes palestras públicas, acolhidas com todo o interesse: *O Dharma do Movimento Teosófico*, no dia 22 de maio, Porto; *Crise, Progresso, Evolução: Que Perspetivas?*, no dia 25 de maio, Lisboa; *A Salvação Da Humanidade Reside Na Revolução Interior*, no dia 27 de maio, Évora. ∞

Carlos Guerra

Para servir o mundo, a Teosofia dever ser simultaneamente prática e espiritual. Ela deve ser uma filosofia que transforma cada atividade na vida, todos os domínios da nossa vida. Ela deveria tornar-nos capazes de produzir um impacto no mundo. Como membros da Sociedade Teosófica, deveríamos estar séria e profundamente interessados nela; os nossos estudos e a nossa ação não devem ser apenas para satisfação pessoal, mas para que, através deles, possamos levar aos nossos companheiros algo de realmente bom.

Radha Burnier

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objectivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e actuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S. T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objectivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objectivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objectivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insusceptíveis de definições completas, há, individual e colectivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu carácter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,
1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt
geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
telf.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
telf.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
telf.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
telf.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - João Parente,
joao_1952@sapo.pt, 916 008 902

Maitreya - Maria Alida Rodrigues,
mseijo@live.com.pt, 961 273 843

- PORTO -

Dharma - Lício Correia

Horus - José Almeida
1ª e 3ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
telf.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
Maria de Lurdes Rodrigues,
luceliario@gmail.com, telf.: 265 523 624

Sociedade Teosófica

Presidente: Radha Burnier • **Vice-Presidente:** Mr M. P. Singhal • **Secretária:** Mrs Kusum Satapathy • **Tesoureiro:** Mr T. S. Jambunathan
Sede: Adyar, Chennai 600 020, India • www.ts-adyar.org

Orgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Navin B. Shah	PO Box 14804, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	navinmeera@hotmail.com
1909	Africa, South	Mr Tom Davis	22 Buffels Road, Rietondale, Pretoria, 0084	<i>The S. African Theosophist</i>	thosgdavis@icon.co.za
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrika@gmail.com
1929	America, Central *	Mrs Ligia Gutierrez S.	Rept. Los Arcos #43, E.P. 1 c. Sur, Distrito 2, Managua, Nicaragua		ligusimpson@hotmail.com
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000 Rosario	<i>Teosofia en Argentina</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, Southeast †		The Theosophical Society, Adyar, Chennai 600 020, India		theosoc@dataone.in
1895	Australia	Mrs Linda Oliveira	4th fl., 484 Kent St., Sydney, NSW 2000	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@austheos.org.au
1912	Austria *	Mr Herbert Fuchs	Joseph Gaubyweg 7, A - 8010 Graz	<i>Teosofie Adyar</i>	herbert.f.fuchs@gmail.com
1911	Belgium	Mr Jan Jelle Keppler	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	jan.keppler@telenet.be
1965	Bolivia †	Mrs Teresa W. de Nuñez	Casilla de Correo 3911, Cochabamba		saidita_2945@hotmail.com
1920	Brazil	Mr Marcos L.B. de Resende	Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 - Brasilia (DF)	<i>Sophia</i>	tsbrazil@sociedadeteosofica.org.br
1924	Canada *	Mr Medardo Martinez Cruz	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7, Canada	<i>The Light Bearer</i>	mmartinez@manhattaninc.com
1920	Chile *	Ms Maximiliano Aguilera	Casilla 3603, Santiago 21	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	sociedad.teosofica@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Julia Ballesteros	Carrera. 6, No. 56-27 Apto. 201, Bogotá-2	<i>Selección Teosofica</i>	julitaballesteros@gmail.com
1997	Costa Rica †	Ms Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@yahoo.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb, Croatia	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba		Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	1652 Sta. Agueda, C.7 Les Chalets Court Apto 23, San Juan, PR 00926, USA		polanc@prtc.net
1888	England	Mr Eric McGough	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	office@theosoc.org.uk
1907	Finland	Mrs Marja Artamaa	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	teosofinen.seura@netti.fi
1899	France	Ms Trân-Thi-Kim-Diêu	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	trankimdiêu@sfr.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Theodoros Katsifis	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	tshutau7@hu.inter.net
1921	Iceland	Ms Anna Valdimarsdóttir	P.O. Box 1257 Ingólfsstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	ts@gudspekifelagid.is
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophy_vns@yahoo.com
1912	Indonesia	Mr Herry Ispoernomo	Jalan Angrek Nelimurni A-104, Jakarta 11410, Timur	<i>Teosofi</i>	theosofi.indonesia@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraire - Co. Londonderry UK BT52 1TA	<i>Insight</i>	maricharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 4014, Ramat-Gan, Israel 52140	<i>Or</i>	mail@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, C.P. 640, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1971	Japan Δ	Mr Taichi Yamaguchi	2-5-25 Tozukahigashi, Kawaguchi-shi Saitama-ken 333-0802		tsjp@hte.highway.nc.jp
1919	Mexico	Mrs Lissette Arroyo Jiménez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sociedadeteosofica@prodigy.net.mx
1897	Netherlands	Mrs Els Rijnaker	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mrs Sandy Ravelli	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	np@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Mrs Agnes Gaasemyr	Stadion Vei 9, N - 5162 Laksevaag		post@teosofisksamfunn.no
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	bhagwanbharvani@hotmail.com
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar	Jr. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Básqueda</i>	teosoficaperu@hotmail.com
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua Passos Manoel 20 cave, 1150-260 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	P.O. Box 36-1766, 609 C. Miramar PR Hoare, San Juan, PR 00936, U.S.A.	<i>Heraldo Teosófico</i>	polancomagaly@yahoo.com
1910	Scotland *	Mr Gary Kidgell	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	garykidgell@hotmail.com
1889	Singapore Δ	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No 03-04, Sims Avenue Centre, Singapore 387603	<i>Newsletter</i>	sanne@singaporelodge.org
1992	Slovenia *	Mr Breda Žagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofiska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Clarisa Elósegui	Arenys de Mar 14, Iro-Ira E-08225 Terrasa - Barcelona	<i>Sophia</i>	clarisaelo@gmail.com
1926	Sri Lanka †	Mr S. M. Jayathilake	20/13, Race Course Road, Badulla (BD) 90000	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	smjbadulla@gmail.com
1895	Sweden	Mr Pertrt Spets	Henriksdalsringen 23, SE - 131 32 Nacka	<i>Tidlös Visdom</i>	teosofiska.samfundet.adyar@telia.com
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine Δ	Mrs Svitlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033		kiev@theosophy.in.ua
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 20, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	admin@theosophical.org
1925	Uruguay *	Mrs Dolores Gago	Javier Barrios Amorín 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		st.uruguay@gmail.com
1922	Wales *	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynyscyn, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		theosophywales@yahoo.co.uk

* Data de formação * Associação Regional † Agência Presidencial Δ Grupo adstrito a Adyar

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJECTIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Trần-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Ms Ligia B. Montiel L.

Calle 38, Av. 12 y 14, casa 1276, sabana sureste,

San José, Costa Rica

limolo@teosoficainteramericana.org

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Kiran K. Shah

55A Third Parklands Avenue

PO Box 40149, Nairobi 00100, Kenya

kirankh33@gmail.com